

Guia Didático



9

HISTÓRIA

Sumário

Apresentação	5
Projeto Apoema	6
1. Ensino de História	8
1.1 A História, o saber escolar e o livro didático	8
1.2 História na sala de aula	9
1.3 A formação cidadã	9
1.4 História da África, da cultura afro-brasileira e dos povos indígenas	10
1.5 O uso da tecnologia da informação	12
1.6 O uso de filmes	13
2. Competências e habilidades	14
3. Organização do Projeto	15
3.1 Estrutura	15
3.2 Quadro de conteúdos	17
4. Orientações deste volume	21
Unidade 1	22
Unidade 2	30
Unidade 3	41
Unidade 4	46
5. Avaliação	52
6. Referências bibliográficas	56

Apresentação

Prezado professor,

O século XXI vem nos mostrando uma realidade cada vez mais tecnológica. As transformações e as informações são extremamente rápidas e precisamos estar atentos à “leitura” das mídias para podermos interagir no mundo.

Estamos em um momento que não basta acumular conhecimentos para depois usufruir deles. É essencial saber onde buscar esses conhecimentos, para estar atualizado e poder propor as mudanças e participar delas.

Esse cenário, por vezes, pode fazer parecer que vivemos numa realidade sem historicidade, sem vínculos entre o presente, o passado e o futuro.

Diante disso, o papel do professor de História fica ainda mais decisivo. Por meio das propostas de leitura e análise do passado, o professor de História conduz seus alunos no desenvolvimento do pensamento e da consciência histórica, contribuindo para que eles possam compreender o presente e interferir nele, bem como fazer projeções para o futuro.

Ser um professor hoje é muito mais que ministrar aulas. É munir o aluno com o acesso ao saber historicamente produzido e levá-lo a decodificar esse saber. É colocá-lo no jogo das informações e, ao mesmo tempo, fornecer-lhe meios para que possa selecioná-las e fazer sua leitura. É mostrar ao aluno o mundo das ideias, mas também, metaforicamente, qual bússola devem usar para nele navegar de forma proveitosa, com descobertas e, sobretudo, realizações.

Para auxiliar nesse processo, nas próximas páginas organizamos um material de apoio, bem como os complementos digitais que acompanham esta coleção.

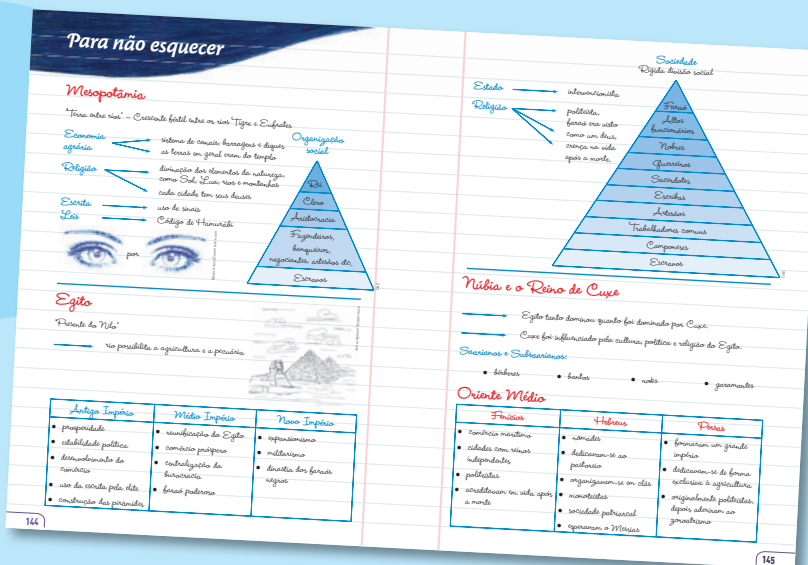
O aprendizado significativo instrumentaliza o aluno a ter mais autonomia e o prepara para buscar continuamente o conhecimento, proporcionando seu pleno desenvolvimento. Assim, o “saber escolar” cumpre seu papel na formação de seres humanos atuantes na procura e na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Bom ano letivo!

Os autores.

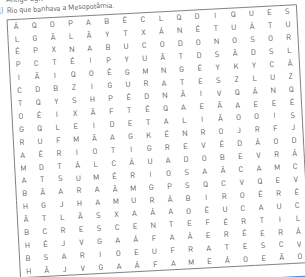
PARA NÃO ESQUECER

Resumo esquemático dos conteúdos desenvolvidos, que facilita e organiza o estudo.



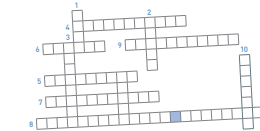
RESGATANDO CONTEÚDOS

- Encontre no diagrama os termos que se referem aos itens abaixo.
 - Construções feitas para represar a água corrente.
 - Rio com grande poder que conquistou a Palestina e levou os judeus na condição de escravos para a Babilônia.
 - Templários religiosos mesopotâmicos imponentes.
 - Lei que defendia a revir de uma agitação na mesma proporção.
 - Tipos de escrita com caracteres em forma de cunha, que era utilizada na Mesopotâmia.
 - Desenho figurativo utilizado para a comunicação.
 - Rio que banhava a Mesopotâmia.
 - Musculatura de tijolo, argila e palha utilizada para dar resistência às construções.
 - Um dos primeiros povos que viveram às margens dos rios Tigre e Eufrates.
 - Rio que governou a Mesopotâmia e que substituiu um dos primeiros códigos de lei da Antiguidade.
 - Denominação dada às terras férteis que faziam a união entre a Mesopotâmia e o Antigo Egito.
 - Rio que banhava a Mesopotâmia.



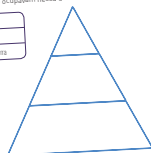
Complete o diagrama com os termos correspondentes aos itens abaixo.

- Principal rio do Egito.
- Tiempo dado aos reis do Antigo Egito.
- Profissionais que trabalhavam na administração egípcia e respondiam diretamente ao faraó.
- Tipos de escrita que utilizava ideogramas.
- Obras monumentais que são referência ao Egito.
- Princípio que governou 23 anos para ficar pronto.
- Aplicar substâncias para que o cadáver não se decomponha.
- Dentro da organização social, de qual das pessoas que tem seus direitos e deveres de cidadania reconhecidos publicamente pela justiça?
- Ensinamento sobre as técnicas de preparação de medicamentos.
- Técnica de pintura em parede ou teto, feita com tinta e água sobre revestimento úmido.



A Fênícia tinha uma estrutura social desigual. Preencha na pirâmide social abaixo a posição que os agentes históricos indicados no quadro ocupavam nessa sociedade.

ricos comerciantes	rei
escravos	esclavos
trabalhadores	proprietários de terra



RESGATANDO CONTEÚDOS

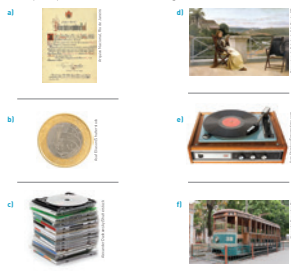
Seção de atividades de revisão no final de cada unidade, que possibilitam também uma autoavaliação.

Avaliação - História

NOME: _____ TURMA: _____
 ESCOLA: _____
 PROFESSOR: _____ DATA: _____

- Coloque V para as alternativas verdadeiras e F para as alternativas falsas.
 - O historiador investiga transformações ocorridas nas diversas sociedades.
 - As fontes históricas não revelam sobre os hábitos e tradições da sociedade na qual ela foi produzida.
 - Atualmente o historiador compreende a História como uma versão, um olhar que explica mais sobre quem conta do que sobre o fato histórico.
 - As unidades de tempo: hora, dia, mês, ano e século em nada ajudam na organização de nosso cotidiano nem nas pesquisas históricas.

2. Identifique o tipo de fonte histórica de cada imagem.



AVALIAÇÕES

Sugestões de avaliação estão disponíveis para o Projeto.



CONTEÚDO DIGITAL

Objetos educacionais digitais, disponíveis no Portal Projeto Apoema, que exploram as potencialidades das novas tecnologias.
www.editoradobrasil.com.br/apoema

1. Ensino de História

1.1 A História, o saber escolar e o livro didático

A História pode ser definida como: conhecimento relativo à experiência dos seres humanos como seres sociais, que tecem relações entre si e se formam no curso do tempo, na interação alteridade/identidade com os demais. Seu objeto de análise é o ser humano e sua ação ao longo do tempo nos diferentes espaços. Dessa forma, a História estuda o ser humano envolvido em um processo constante de mudanças, permanências e rupturas, de experiências individuais e coletivas, em que ele modifica e constrói seu tempo e seu espaço.

Nesses termos, apresentar a reflexão histórica aos alunos não é apenas torná-los detentores das competências e habilidades que depois desenvolveremos, mas algo muito mais importante. Propor caminhos para o percurso dos alunos pela construção da História transcrita nas conclusões dos historiadores é uma grande responsabilidade, pois implica, além de outras questões, levá-los a compreender que a História não é única nem imutável, pois sempre estaremos diante de uma das interpretações possíveis dos acontecimentos históricos. Implica principalmente propor-lhes a compreensão profunda de sua própria humanidade, de sua inegável condição social, de suas múltiplas possibilidades de autoconstrução em meio ao jogo ininterrupto de ações e reações do meio social.

Portanto, sabemos que o trabalho com a História como saber escolar é difícil, ou, usando uma frase popular: “Ensinar História não é uma tarefa simples”. Afinal, nós, professores, precisamos abordar questões complexas, refletidas e pesquisadas por gerações de historiadores, o que requer reorganização, reestruturação, ou seja, suscita transposição didática, de modo a tornar

essas questões efetivamente transmissíveis e assimiláveis pelos alunos e ainda presentes em sua vida, sem que se tornem apenas uma sucessão de fatos passados sem relevância para a atualidade. Por transposição didática entende-se o processo de transformação do saber acadêmico em conhecimento escolar.

Assim, o livro didático constitui um dos suportes da mediação entre o pensamento teórico historicamente produzido e os saberes escolares. Entretanto, é preciso compreender claramente que os livros apresentam um recorte pautado pelos currículos escolares e também pela escolha de quem está envolvido no processo de sua produção (autores, editoras).

Essa seleção de conteúdos e de interpretações históricas é inevitável, conforme salienta o historiador Eric Hobsbawm:

“Todo estudo histórico, portanto, implica uma seleção, uma seleção minúscula, de algumas coisas da infinidade de atividades humanas do passado, e daquilo que afetou essas atividades. Mas não há nenhum critério geral aceito para se fazer tal seleção [...]”.

HOBBSBWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 71.

Elaborar um livro didático é fazer uma seleção de conteúdos e torná-los didáticos levando em conta o público que o utilizará, neste caso, professores e alunos do Ensino Fundamental (6º a 9º ano). Esse público não é homogêneo, já que a abrangência é nacional, e, portanto, o livro é destinado a alunos e professores situados em lugares distintos e vivendo em realidades e culturas diversas. Diante dessa complexidade, buscou-se nesta coleção contemplar recortes da História que possam atender esse público, com a visão de que o livro didático é indissociável da experiência de sala de aula, onde professores e alunos vivenciam o processo ensino-aprendizagem. Portanto, é no ambiente escolar que esse recurso será reinterpretado por professores e alunos e se

tornará significativo nesse processo, pois a aula – neste caso, de História – é, por excelência, um tempo no qual se produz conhecimento histórico.

“Uma leitura singular que revela o fato de os professores de história estarem imprimindo à nossa prática cotidiana um significado diverso, provocando talvez uma surpresa e rejeitando uma inferioridade. De modo categórico, afirmamos ainda uma vez que, por meio de uma aula, também se conta uma história; que, ao se contar uma história por meio de aula, também se faz história; e que somente ao se fazer história por meio de uma aula nos tornamos professores de história. [...]

Possibilidade de uma prática que se renova a cada dia, a aula como texto ou o texto de nossa aula propicia que cada um dos alunos valorize as diferenças, constitua identidades, crie memórias e exercite a cidadania. E, assim, torne-se capaz de fazer sua própria história.”

MATTOS, Ilmar Rohloff de. “Mas não somente assim!” Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. *Tempo*, Niterói, PPGH/UFF; EDUFF, v. 1, n. 21, p. 11 e 15, 2007.

1.2 História na sala de aula

1.2.1 O professor no processo ensino-aprendizagem

Hoje as mudanças ocorrem em uma velocidade sem precedentes na história da humanidade, refletindo também na educação. A interação entre educador e educando é mais dinâmica. O professor deixou de ser um mero reprodutor de conteúdos para se tornar mais orientador, estimulador e, principalmente, mediador no processo ensino-aprendizagem.

Ao entender o aluno como sujeito que articula os conteúdos trabalhados em sala de aula e constrói significados com base neles, produzindo assim conhecimento, o professor, como mediador, procura propiciar a in-

teração interventiva e renovadora dos alunos com outros contextos de socialização e educação não escolar, como família, igrejas, meios de comunicação de massa, clubes, associações de bairro. Dessa forma, o professor atua como um proponente de sentidos integrativos para todo o conjunto de experiências e ações educativas da vivência dos alunos, tornando a escola e, sobretudo, a sala de aula – onde ocorre o processo ensino-aprendizagem – o lugar social da construção de sentidos éticos, políticos e cognitivos.

Assim, o professor colabora para a construção da autonomia de pensamento e de ação, auxiliando, aos poucos, os alunos a se capacitarem para exercer seu papel de cidadãos do mundo.

Ensinar e aprender História em sala de aula deve ser um processo de via dupla, conforme as palavras de Paulo Freire:

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.* [...]

É preciso que, pelo contrário, desde o começo do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado [...]. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

*Frase de Paulo Freire.

GADOTTI, Moacyr. *Pedagogia da terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000. p. 45.

1.3 A formação cidadã

De acordo com o princípio que se encontra no artigo 205 da Constituição de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, os conteúdos a serem ministrados para os ensinos Fundamental e Médio têm por finalidade formar os alunos para o exercício consciente da cidadania.

A cidadania pode ser, em breves palavras, conceituada como o direito à participação nas decisões políticas tomadas em determinada formação social, seja exercida diretamente, seja por representação política. Os direitos políticos, ou direitos de cidadania, são liberdades públicas – reconhecidas atualmente como direitos fundamentais de primeira geração – e dependem da conscientização político-social dos cidadãos, missão educativa para a qual a História é convocada a colaborar de modo intensivo.

A formação para o exercício pleno, consciente e responsável da cidadania possibilita pensar a escola e o ensino de História como meio de construção de valores éticos. A capacidade de entender os homens como agentes e produtos do processo histórico deve habilitar os alunos a perceber a estreita interdependência entre todos os membros de uma sociedade por meio de seus atos de fala e comunicação. Assim, a ética será construída não como resultado de imposições morais de qualquer grupo, e sim como fruto de embates e consensos de natureza eminentemente política, no contexto de uma disputa social de vários projetos normativos que aspiram à hegemonia.

Ao introduzir os alunos em universos culturais e geográficos cronologicamente distintos, o professor, por meio da História, não apenas contempla o respeito à diversidade sexual, étnica, religiosa, política e cultural, como torna a educação um meio de inclusão e reparação de injustiças histórico-sociais.

O ensino contemporâneo de História deve saber lidar com a pluralidade de linguagens e os meios de comunicação de massa a que os alunos estão cotidianamente expostos. Entre eles – além de mídias tradicionais e muito penetrantes em todas as classes sociais, como a televisão, o rádio e mesmo, em menor escala, o cinema – hoje se destaca a internet, que traz à cena pública e ao debate pedagógico grandes desafios de natureza ética e educacional. A formação do senso crítico, que fará os alunos perceberem as ideologias veiculadas por tais meios de comunicação, depende

da habilidade cognitiva e política de desnaturalizar, historicizar e problematizar aquilo que parece natural, eterno, imutável, denotando seu caráter de construção cultural.

Da mesma maneira, a consciência relativa ao meio ambiente e à ecologia da biodiversidade e também aquela das populações rurais e urbanas devem pautar a formação oferecida aos alunos por meio dos conteúdos e metodologias do ensino e da aprendizagem em História. Debater as formas de sustentabilidade ambiental é tarefa fundamental do discurso escolar da História. A discussão e a historicização da ecologia não podem ser dissociadas da perspectiva ética de avaliação do impacto do desenvolvimento tecnológico e seus efeitos tanto no meio ambiente quanto na própria sociedade.

1.4 História da África, da cultura afro-brasileira e dos povos indígenas

O ensino da história da África, da cultura afro-brasileira e dos povos indígenas procura sanar uma falha nos currículos escolares do Brasil, mas também – e principalmente – faz parte das ações afirmativas no combate ao racismo e à discriminação étnica.

“[...] no cotidiano escolar a educação antirracista visa à erradicação do preconceito, das discriminações e de tratamentos diferenciados. Nela estereótipos e ideias preconcebidas, estejam onde estiverem (meios de comunicação, material didático e de apoio, corpo discente e docente etc.), precisam ser duramente criticados e banidos. É o caminho que conduz à valorização da igualdade nas relações. E, para isso, o olhar crítico é ferramenta mestra.”

SANTOS, Isabel Aparecida dos. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 105.

A preocupação com a alteridade das diversas formas de existência humana e com as distintas humanidades que constroem sua história no espaço e no tempo encontrou, no Brasil do fim dos anos 1980, um caldo de cultura fértil para se propagar. Procurando estabelecer consensos a fim de traçar a reabertura política e a consecução do estado de direito no Brasil, a Constituição Federal de 1988 estabeleceu, no artigo 242, § 1º, que “[...] o ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro”. A norma estabelece um princípio geral para conduzir as políticas públicas em matéria de ensino de História, procurando transformar as práticas pedagógicas dessa disciplina e a transmissão de seus conteúdos em sala de aula em conscientização sobre a diversidade étnica e cultural do Brasil e combate à intolerância e ao preconceito racial e social.

O Brasil mantém relações históricas de parentesco e herança cultural e étnica com a África. Em função da escravização africana na América Portuguesa e no Brasil Império, os membros, muitas vezes famílias inteiras, de diversas etnias africanas foram trazidos ao território que hoje corresponde ao Brasil.

As tradições africanas – sobretudo as religiosas, artísticas (principalmente a expressão musical) e culinárias, além das formas de tratamento familiar e íntimo – transcenderam as senzalas e influenciaram os senhores europeus de maneira indelével. Parece bastante claro que, nos quadros de um projeto educacional inclusivo e pluralista, no que se refere ao ensino escolar de História, estudar a contribuição africana no processo de formação da nacionalidade é absolutamente indeclinável. Ainda mais se rememorarmos o fato de o Brasil ser o segundo país do mundo em população afrodescendente ou de origem africana, ficando atrás apenas da Nigéria, na própria África.

As lutas e as ações autoafirmativas dos afrodescendentes por liberdade e igualdade de direitos perante os setores hegemônicos de origem europeia já justificam a aborda-

gem das raízes culturais africanas, das múltiplas “africanidades” que contribuíram para o processo civilizatório brasileiro. No entanto, o ensino e a aprendizagem das estruturas sociais, políticas e econômicas das distintas populações da África antes da presença predatória europeia ajudam também a desmascarar alguns mitos historiográficos que se mantêm.

A legislação brasileira disciplinou essa questão por meio de duas leis sucessivas, a Lei nº 10.639/2003 e a Lei nº 11.645/2008, que determinaram alterações substanciais no artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Em seu artigo 25, § 4º, a mesma lei já reproduzia, com mais detalhamento, a norma constitucional anteriormente citada, determinando que o ensino de História deveria privilegiar as matrizes indígena, africana e europeia na formação do povo brasileiro. A primeira lei prescreve que, nas escolas públicas e particulares de ensinos Fundamental e Médio, devem ser ministrados conhecimentos sobre a história e a cultura afro-brasileiras. O parágrafo primeiro do artigo 26, com a nova redação estabelecida pela Lei nº 10.639/2003, detalha as diretrizes para a transmissão desses conteúdos. O programa de História da África nos estabelecimentos de educação básica deve incluir o estudo da história do continente africano e seus povos, bem como tecer as relações históricas entre o tráfico negreiro dos séculos XV ao XIX e a luta dos africanos e afrodescendentes na América Portuguesa e no Brasil independente. A mobilização por liberdade e as várias formas de resistência contra os senhores de escravos, desde os quilombos até as intensas campanhas abolicionistas do século XIX, devem ser enfocadas, nas práticas pedagógicas relacionadas à História do Brasil e da África, como símbolo da enorme contribuição das diversas etnias e culturas africanas para a formação do povo brasileiro. A lei detalha, inclusive, as áreas – social, econômica e política – por meio das quais os alunos podem reconhecer e compreender a contribuição africana.

Os avanços jurídicos e políticos na questão indígena não tinham ainda seu correspondente na área educacional, até que a Lei nº 11.645/2011 preencheu essa lacuna tornando obrigatório, nas escolas oficiais e particulares de ensinos Fundamental e Médio, também o ensino das culturas indígenas. Assim como os afrodescendentes, os indígenas, sua forma de organização social, suas lutas por reconhecimento e efetivação de direitos e sua importância para a formação do Brasil contemporâneo devem ser objeto de ensino obrigatório. Dessa maneira, a nova redação do artigo 26 da Lei Darcy Ribeiro contempla, com as necessárias e pertinentes diretrizes de política pública educativa, dois setores tradicionalmente excluídos ou, na melhor das hipóteses, secundarizados nas narrativas que compuseram a memória oficial da nacionalidade brasileira.

O estudo da história do Oriente, abordado nesta coleção, também é contemplado como forma de resgatar a história de uma parcela populacional importante no Brasil. Abordar a história do Oriente nas práticas didáticas de uma história escolar constitui conteúdo privilegiado para estimular o apreço à diversidade e à tolerância, para construir uma história contemporânea que contenha diversas e ricas memórias individuais e coletivas.

1.5 O uso da tecnologia da informação

No cotidiano escolar, as práticas didático-pedagógicas em História podem se valer de diversos meios e estratégias auxiliares, de modo a ampliar o uso das tecnologias de informação atuais para fins didáticos. É o caso das linguagens audiovisuais, cujo potencial não se esgota na mera organização visual do conteúdo a ser transmitido, como se fosse apenas uma espécie de lousa animada por recursos digitais. As tecnologias audiovisuais possibilitam a reconstituição dos ambientes de época, são animações que mostram formas de vida, sociedade, vestimenta e alimentação de outros períodos.

“Assim, a História se beneficia grandemente das possibilidades tecnológicas: desde a digitalização e disponibilização de fontes que durante muito tempo ficavam acessíveis a um pequeno grupo de pessoas, passando pela troca rápida de informações e de possibilidades de discussão em termos globais, até o acesso *on-line* de várias bibliotecas pelo mundo. Por outro lado, a internet também é responsável, muitas vezes, por multiplicar as informações sem compromisso metodológico, vulgarizar um tipo de memória sobre o passado baseada em identidades coletivas. A rede está repleta de *sites* com informações históricas questionáveis, *blogs* que perpetuam memórias, distorcem informações. Nesse sentido, o estudo do conteúdo disponível na internet também pode oferecer amplas possibilidades para a discussão da memória coletiva e da recriação de identidades virtuais.”

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. *Aprendendo história: reflexão e ensino*. São Paulo: Editora do Brasil, 2009. p. 133.

O uso da tecnologia também auxilia nos projetos de História oral a serem desenvolvidos pelos alunos no espaço escolar e fora dele. Os recursos audiovisuais podem armazenar e reproduzir depoimentos, descrições de ambientes e testemunhos de acontecimentos atuais, concretizando o ideal de uma história do tempo presente em sala de aula. Os alunos só têm a ganhar com as possibilidades oferecidas pela conexão com o espaço cibernético, proporcionada pela internet. No entanto, todo esse aparato disponibiliza muitas informações que precisam da mediação do professor, a fim de se tornarem significativas para o estudo da História. Portanto, educar para os meios de comunicação é fundamental.

“A imagem gráfica, pictórica, televisiva, cinematográfica e digital deve ser discutida e integrada às metodologias pedagógicas. Os projetos de comunicação nas escolas devem dar ênfase ao trabalho com a imagem, não apenas por seu potencial comunicativo, mas, sobretudo, pelo universo linguístico e expressivo que mobiliza. Nesse sentido,

os educadores precisam se apropriar de metodologias que desenvolvam nos alunos uma relação crítica e não ingênua com seu universo audiovisual e virtual, tornando-se capazes de dialogar com autonomia nestes campos. Os novos cidadãos que estamos formando necessitam saber ‘ler e interpretar’ o que veem, e também produzir e se expressar em meio audiovisual e virtual.”

MONTEIRO, Eduardo; FELDMAN, Márcia. Mídia – Educação: formando os cidadãos da era da informação. *Pátio*, Porto Alegre, Artmed, n. 9, p. 21, maio/jul. 1999.

O desafio, além da capacitação prática de uso, reside em depurar as informações disponibilizadas para se beneficiar das possibilidades oferecidas pela tecnologia e usá-las como recurso didático e pedagógico, aproveitando a rapidez com que ocorrem a busca e a transmissão de informações.

1.6 O uso de filmes

Para o ensino de História, os filmes oferecem boas possibilidades. De certa forma, todos os filmes são passíveis de análise histórica, pois são produtos de seu tempo, usam a tecnologia disponível no momento da produção e refletem a organização e mentalidade da sociedade que os produziu e consumiu. Assim, esse recurso se apresenta como uma boa possibilidade de discussão sobre os comportamentos, visões de mundo, valores e identidade de determinada sociedade no momento histórico de sua produção.

“Os filmes, à semelhança do que ocorre com o conhecimento histórico, são produzidos com base em processos de pluralização de sentidos ou verdades. Apesar das particularidades e especificidades de cada um – dos filmes e do conhecimento histórico –, incluindo seus métodos de trabalho, ambos são construções mentais que precisam ser pensadas e trabalhadas intensamente.

Nesse sentido, as obras cinematográficas são construções carregadas de significados, construídos a partir da seleção dos elementos que irão compor as imagens e o som que as

acompanham e, depois, na articulação entre os diferentes conjuntos de imagens a partir da edição e montagem dos filmes.

Se a pesquisa historiográfica parte da formulação de questões ou problemas, cujas respostas são produzidas com base em hipóteses construídas por meio da adoção de certos procedimentos metodológicos, mais adequados ao objeto em estudo, fica evidente que a produção do conhecimento histórico também depende de escolhas. Portanto, não se trata de criar verdades absolutas, mas interpretações ou respostas, as quais são resultado do contexto histórico em que são formuladas. Compreender os caminhos pelos quais os filmes e o conhecimento histórico são produzidos, com suas diferenças e convergências, implica em [sic] desenvolver a percepção para se entender como a história é construída na narrativa fílmica.

Ao utilizar os filmes em sala de aula, os professores devem evidenciar para os alunos esses processos e suas semelhanças, ainda que seus objetivos e métodos sejam distintos.”

ABUD, Katia; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. *Ensino de História*. São Paulo: Cengage Learning, 2010. p. 165-166.

Assim, o filme é um objeto de análise, produto de seu tempo, e, portanto, deve ser observado, analisado e inserido em sua realidade histórica, como fruto da interpretação humana.

No ensino de História, os filmes mais utilizados são os de ficção histórica e os documentários. Estes, em geral, não trabalham com atores e relatam, descrevem ou analisam acontecimentos e processos históricos. Já aqueles são apoiados em fatos e acontecimentos históricos, que unem realidade e ficção. Portanto, imbuídos de intenções, interesses e jogos de poder da época em que foram elaborados, reinterpretam os fatos mesclando história passada com o momento de sua produção.

Utilizar filmes em sala de aula exige, como toda ação didática, planejamento e informações sobre o assunto e o contexto da produção. Esse planejamento deve levar em consideração algumas informações sobre a obra cinematográfica, como as listadas a seguir.

- Contexto da produção do filme: como, onde e por quem foi produzido; o contexto social, político e econômico da época, além do local da produção. Se possível, é importante saber as características do cineasta, pois elas ajudam a entender as subjetividades que ele inevitavelmente imprimiu à obra. Portanto, são importantes, inclusive, as informações sobre o que não faz parte diretamente do filme: o autor, a produção, a crítica (aceitação ou não da obra) e a organização da sociedade que o produziu.
- Informações gerais sobre o filme: qual é o tema abordado; como os processos históricos são apresentados (cenário, figurino, linguagem etc.); o que é ficção no enredo e quais são as questões históricas apresentadas; a idealização dos personagens históricos; se há simbologias, quais são e a que elas remetem (situações atuais ou passadas). A linguagem cinematográfica também pode ser dissecada (se a sequência das cenas está em ordem cronológica, se há dramaticidade, como o som e a luz foram utilizados, como a narrativa e os cenários apresentam-se etc.). Enfim, o filme precisa ser amplamente conhecido, “lido” e “analisado” em detalhes pelo professor, a fim de se tornar um recurso didático.

Esse exercício de análise visa à compreensão da obra e da realidade que ela reproduz, para que, ao dominar essas informações básicas, os alunos estejam aptos a ler a obra e discutir suas propostas.

Nesta coleção, são apresentadas no Livro do Aluno diversas sugestões de filmes, indicados de acordo com a faixa etária e os temas abordados.

2. Competências e habilidades

A História, como disciplina escolar, possibilita a ampliação do conhecimento dos

educandos sobre seu passado e as problemáticas contemporâneas, visando entender o presente e fazer projeções para o futuro.

Portanto, é uma disciplina que deve levar à reflexão sobre a realidade em que estamos inseridos para compreender nossa participação nela, buscando os pontos onde haja possibilidade de mudança ou necessidade de continuidade.

Para tanto, não basta munir o aluno de saberes que em pouco tempo serão esquecidos ou superados, mas, sim, desenvolver competências e habilidades, buscando a literacia histórica, ou seja, ler o mundo historicamente.

Competência em educação não é simplesmente saber fazer, ter habilidade em algo. As competências envolvem vários recursos cognitivos, como saberes, informações, habilidades operatórias, para possibilitar, com eficiência, o enfrentamento de determinada situação ou problema utilizando diversos recursos de forma criativa e inovadora. Portanto, a educação baseada nas competências deve munir o aluno de saberes e habilidades que lhe propiciem o enfrentamento dos desafios da vida contemporânea, de maneira autônoma e criativa.

As habilidades não se resumem apenas em saber fazer, mas também em saber conviver e saber ser.

Entre as diversas competências e habilidades possíveis de trabalhar, buscamos as que contribuem para o desenvolvimento do senso crítico e da autonomia dos alunos e as que são necessárias à construção da cidadania. São elas:

- dominar a leitura e a escrita não apenas para decodificar símbolos, como também para compreender e construir argumentações;
- conhecer, compreender, analisar, interpretar, relacionar, comparar e sintetizar dados buscando o uso dos conhecimentos para resolução de problemas na vida cotidiana;
- comparar diferentes processos de formação socioeconômica, identificando seu contexto histórico;

- conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles, continuidade e descontinuidade, conflitos e contradições sociais;
- questionar sua realidade e identificar problemas e possíveis soluções, conhecendo formas político-institucionais e organizações da sociedade civil que possibilitem modos de atuação;
- conhecer e valorizar o patrimônio socio-cultural;
- compreender as redes de relações sociais e o processo pelo qual foram construídas, além de nelas atuar como cidadãos;
- valorizar o diálogo, a compreensão, as relações interpessoais e o respeito à diversidade;
- saber selecionar, classificar e compreender as informações recebidas nos diversos meios, buscando agir com discernimento e autonomia no uso dessas informações.

3. Organização do Projeto

3.1 Estrutura

A seguir, a descrição de cada seção, que pode ser ampliada pelo professor de acordo com sua realidade ou utilizada na ordem que julgar adequada.

UNIDADE

Este livro é dividido em quatro unidades, organizadas de acordo com os temas e períodos históricos nele abordados. O tema central é apresentado por meio de um texto introdutório e de uma imagem, acompanhados por questões que o farão refletir sobre os assuntos que serão abordados.

CAPÍTULO

O conteúdo dos capítulos é apresentado em linguagem acessível e organizado em diferentes seções. Fotografias, mapas, gráficos e textos de diferentes gêneros e autorias integram o texto principal.

DIVERSIFICANDO LINGUAGENS

Nesta seção de atividades, você poderá compreender o conteúdo e refletir sobre ele por meio do trabalho com diferentes fontes, como charges, quadrinhos, mapas, textos historiográficos, textos jornalísticos etc.

DOCUMENTOS EM ANÁLISE

Nesta seção de atividades, você terá contato com a interpretação de fontes primárias por meio de questões diretas a serem respondidas no caderno.

Explorando

Espaço reservado para a sugestão de livros, filmes, vídeos, sites, jogos etc. que o ajudarão a completar e fixar o aprendizado dos temas abordados em sala de aula.

CONEXÕES

Esta é uma seção de atividades reflexivas, cujo objetivo é incentivar o debate de temas abordados no livro que, de alguma forma, estão presentes no nosso cotidiano ou relacionados a fatos atuais, promovendo assim a análise e comparação de situações semelhantes em tempos históricos diferentes.

Palavra-chave

Explica o significado de palavras e conceitos que aparecem ao longo do livro e que provavelmente você ainda não conhece.

CURIOSIDADES HISTÓRICAS

Nesta seção, você conhecerá histórias e fatos curiosos que complementam os temas tratados ao longo do livro.

TRABALHO EM EQUIPE

Seção de atividades que envolve a discussão de temas e a produção de materiais por meio de pesquisas realizadas em duplas ou equipes, com o objetivo de complementar o conteúdo e incentivar a interação entre os alunos e a busca por conhecimento.

OUTRAS VERSÕES

Seção que procura destacar diferentes versões e análises do mesmo acontecimento histórico, mostrando assim que a História é construída por quem a conta e, por isso, o mesmo fato pode ser interpretado de diversas maneiras.

CONHEÇA O ARTISTA

Nesta seção, você terá acesso a informações mais detalhadas sobre obras de arte importantes, que o ajudam a reconstruir e a entender os diversos períodos históricos, e conhecerá ainda seus autores e o contexto em que as obras foram criadas.

HISTÓRIA E CIDADANIA

Aborda temas variados e os relaciona à questão da cidadania, ajudando você a se perceber como sujeito da História e, portanto, responsável pelas transformações sociais.

AGORA É COM VOCÊ

Esta seção está localizada no final de cada capítulo e traz atividades que o auxiliam a sistematizar e fixar os conteúdos desenvolvidos.

SUPERANDO DESAFIOS

Também no final do capítulo, você é convidado a responder questões extraídas dos principais vestibulares do país, preparando-o para as provas.

COM A PALAVRA, O ESPECIALISTA

Aqui você encontrará entrevistas realizadas com especialistas nos assuntos que você está estudando, complementando-os e apresentando as versões e opiniões desses profissionais.

Para não esquecer

No final de cada unidade, esquemas visuais e organogramas o ajudarão a entender e estudar os conteúdos.

RESGATANDO CONTEÚDOS

A proposta aqui é retomar os conteúdos abordados por meio de exercícios que o farão relembrar o que aprendeu.

BAGAGEM CULTURAL

Apresenta infográficos que complementarão seu aprendizado, associando a História a outras disciplinas.

3.2 Quadro de conteúdos

Apresentamos, a seguir, o conteúdo a ser trabalhado em cada período do segundo ciclo do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano.

6º ano		
UNIDADES	CAPÍTULOS	CONTEÚDOS
1 – A História e a humanidade	1. O estudo de História	- História - Fontes históricas - Tempo histórico e tempo cronológico - Periodização histórica
	2. Os caminhos da humanidade	- Teorias sobre origem do homem - África como berço da humanidade - Evolução humana
	3. A história da Pré-História	- Periodização na pré-história (Paleolítico e Neolítico) - Organização das cidades
	4. O povoamento da América	- Teorias sobre o povoamento da América - A vida dos primeiros habitantes da América - Primeiros habitantes do Brasil
2 – Sociedades antigas no Oriente Médio e na África	5. Mesopotâmia	Aspectos sociais, religiosos e culturais dos mesopotâmios
	6. Egito	Aspectos econômicos, políticos, religiosos, artísticos e sociais da sociedade egípcia
	7. Núbia e o Reino de Cuxe	- Relação entre Egito e Núbia - O cotidiano no Reino de Cuxe
	8. África Saariana e África Subsaariana	- Os povos garamantes e berberes - Aspectos da expansão dos bantos na África - Aspectos da cultura <i>nok</i> na África
	9. Fenícios, Hebreus e Persas	- Aspectos econômicos e culturais dos fenícios - Aspectos econômicos, sociais, culturais, políticos e religiosos dos hebreus e dos persas
3 – Sociedades antigas na Ásia e na América	10. Índia	Aspectos sociais e religiosos dos povos indianos na Antiguidade
	11. China e Japão	- Aspectos econômicos, políticos e sociais da Antiguidade dos chineses e dos japoneses - Influência destas sociedades sobre outras civilizações
	12. Mesoamérica	Origem e cultura das civilizações da Mesoamérica (olmecas, teotihuacanos, zapotecas e mixtecas, maias)
	13. América Andina	- Organização e aspectos culturais das sociedades da América Andina (chavins, nazcas, moches, tiahuanacos e chimus) - Influência dos povos da América Andina sobre outras civilizações
4 – Antiguidade Clássica	14. Grécia	- Aspectos políticos e sociais dos povos cretenses e micênicos na Antiguidade Clássica - Aspectos do Período Homérico - A colonização da Grécia Arcaica
	15. Grécia Clássica	- Aspectos políticos, econômicos e sociais das sociedades espartana e ateniense - Guerras na Grécia Antiga - Império Macedônico
	16. Cultura da Grécia Antiga	Aspectos culturais e o cotidiano na Grécia Antiga
	17. Roma Antiga	- Organização social, econômica e política do Império Romano - O povo etrusco - Período Monárquico (753-509 a.C.) - Período Republicano (509-27 a.C.) - Império Romano
	18. Cultura na Roma Antiga	- Aspectos culturais na Roma Antiga - Direito Romano

UNIDADES	CAPÍTULOS	CONTEÚDOS
1 – O período medieval	1. O Oriente Médio medieval	- Aspectos socioeconômicos do Império Bizantino - Surgimento e expansão do islamismo - Aspectos econômicos e sociais das comunidades islâmicas durante a Idade Média
	2. Idade Média e feudalismo	- Aspectos econômicos, políticos e culturais dos povos germânicos - Organização e cotidiano da sociedade feudal e seus principais aspectos políticos, econômicos e religiosos
	3. A Igreja e a cultura medieval	- Organização da Igreja Católica na Idade Média - Aspectos culturais e econômicos das Cruzadas - Principais características das artes sacras (arquitetura, pintura, escultura, literatura e teatro), da filosofia e da educação durante a Idade Média
	4. Renascimento urbano e a crise do feudalismo	- Processo de desenvolvimento comercial na Europa feudal - Crise do feudalismo - Causas e consequências da Peste Negra na Europa feudal
2 – A Idade Moderna	5. A formação do Estado moderno	Processos de formação dos Estados modernos: francês, inglês, espanhol e português
	6. O Renascimento	- Origens e expansão do Renascimento na Itália e em outras partes da Europa - Principais aspectos artísticos, políticos e científicos do Renascimento (arquitetura, pintura, escultura, literatura, filosofia, astronomia e medicina)
	7. As reformas religiosas	Principais características e consequências das Reformas Protestantes (luteranismo, calvinismo e anglicanismo) e Católica
	8. Absolutismo, mercantilismo e arte barroca	- Formação dos Estados absolutistas - Principais características sociais, políticas e culturais dos regimes absolutistas europeus
	9. A expansão marítima europeia	- Processos que levaram ao expansionismo português e espanhol - Aspectos culturais do expansionismo marítimo
3 – Culturas da Ásia, África e América	10. Impérios e sultanatos na Índia	Aspectos políticos, econômicos e religiosos das comunidades indianas durante o período entre a unificação sob o Império Gupta e a dominação muçulmana
	11. O Segundo Império na China	Principais características das Dinastias Sui, Tang, Song, Yuan e Ming na China
	12. Japão medieval: a corte e os guerreiros	Principais características dos Períodos Nara, Heian, Xogunato, Kamakura, Muromachi e Azuchi-Momoyama do Japão
	13. Sociedades da África Subsaariana	- Organização das sociedades e grupos africanos (reino de Axum, sociedades do Sudão ocidental, iorubás e bantos) - A escravidão na África
	14. Sociedades americanas	Aspectos econômicos, políticos e culturais das sociedades americanas (maias, astecas e incas)
	15. Os nativos do Brasil	Aspectos econômicos, políticos e culturais dos grupos nativos do território que hoje corresponde ao Brasil
4 – As sociedades coloniais na América	16. Europeus na América	- Processo de conquista e dominação dos povos e territórios da Mesoamérica e da América Andina pelos espanhóis - Aspectos econômicos, sociais e políticos da conquista portuguesa da América
	17. Colonização espanhola	- Aspectos econômicos, administrativos, políticos e religiosos do processo de colonização liderado pelos espanhóis - Movimentos de resistência dos nativos contra o imperialismo europeu
	18. Colonização inglesa, francesa e holandesa	Aspectos econômicos, administrativos e políticos dos processos de colonização liderados pelas metrópoles inglesa, francesa e inglesa
	19. Colonização da América Portuguesa	Aspectos econômicos, administrativos, políticos e do processo de colonização liderado pelos portugueses

UNIDADES	CAPÍTULOS	CONTEÚDOS
1 – A era das revoluções	1. A Europa no século XVII	Aspectos políticos, econômicos e sociais da Espanha, França, Países Baixos e Inglaterra no século XVII
	2. Revolução Iluminista	Iluminismo
	3. Revolução Americana	- Os antecedentes da independência dos Estados Unidos - Processo de independência dos Estados Unidos - Guerra de independência na América do Norte
	4. Revoluções Francesa e Napoleônica	- Características da França pré-revolucionária - Aspectos gerais da Revolução Francesa - O início da Era Napoleônica e sua decadência, com o advento da Santa Aliança
	5. Revolução Industrial	- Aspectos do pioneirismo inglês no processo de industrialização - As inovações tecnológicas da Revolução Industrial - As transformações econômicas e sociais da industrialização - O cotidiano nas fábricas e a reação operária contra a exploração
2 – A expansão da América Portuguesa	6. Os holandeses no Brasil	- O Brasil durante a União Ibérica - A invasão holandesa no nordeste brasileiro - Aspectos políticos, administrativos e culturais da dominação holandesa - A Insurreição Pernambucana
	7. A colonização do interior do Brasil	- A conquista do norte - Os bandeirantes e a exploração do interior do continente - Influência das bandeiras nas fronteiras do Brasil
	8. Mineração na América Portuguesa	- A exploração do ouro - O declínio da mineração - Aspectos políticos, sociais e culturais das regiões mineradoras do Brasil
	9. Conjurações mineira e baiana	- Antecedentes, motivações políticas e econômicas e desfecho da Conjuração Mineira - Antecedentes, motivações políticas e econômicas e desfecho da Conjuração Baiana
3 – Independências na América	10. Independências no Haiti e na América Espanhola	- Principais características da Revolução Haitiana - Aspectos sociais da América Espanhola Colonial - A crise do império colonial espanhol - Os processos de independências na América Espanhola (México, América Central e América do Sul) - A conjuntura pós-independência na América Espanhola
	11. O processo de independência do Brasil	- A vinda da família real para o Brasil - A emancipação política do Brasil - Aspectos políticos e econômicos da Revolução Pernambucana - Reconhecimento da independência
	12. O Primeiro Reinado no Brasil	- A Constituição de 1824 - A abdicação de D. Pedro I - Características do Período Regencial do Brasil - Revolutas do Período Regencial
	13. O Segundo Reinado no Brasil	- Aspectos políticos, econômicos e sociais do Segundo Reinado no Brasil - Principais aspectos da crise no império
4 – Século XIX: nacionalismo e expansionismo	14. Ideologias políticas no século XIX	Principais aspectos dos conceitos: liberalismo, nacionalismo, socialismo e anarquismo
	15. Movimentos nacionalistas e expansionistas	- Revoluções na França - Processo de unificação da Itália - Processo de unificação da Alemanha - Ideologia e expansão dos Estados Unidos
	16. O imperialismo na África	- As origens e o conceito de imperialismo - Aspectos do imperialismo na África
	17. Imperialismo na Ásia e América Latina	- Principais características do imperialismo japonês - Aspectos do imperialismo na Ásia e na América Latina
	18. Os primeiros anos da república no Brasil (1889-1894)	- Proclamação da República no Brasil - Os primeiros anos da república no Brasil (1889-1894)

UNIDADES	CAPÍTULOS	CONTEÚDOS
1 – Entre guerras e revoluções	1. A consolidação da república no Brasil (1894-1930)	- Aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais da Primeira República no Brasil - Movimentos sociais brasileiros durante a República Oligárquica - Aspectos da crise e o fim da República Oligárquica
	2. a Grande Guerra e a Revolução Russa	- Antecedentes da Primeira Guerra Mundial - Principais eventos relacionados à Primeira Guerra - Os principais tratados do pós-guerra e suas repercussões - Principais características da Revolução Russa - A criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
	3. O período entre guerras	- Ascensão e a crise dos Estados Unidos - Ascensão dos regimes totalitários na Itália, Alemanha, Portugal e Espanha - A Guerra Civil Espanhola
	4. A Segunda Guerra Mundial (1939-1945)	- Antecedentes da Segunda Guerra Mundial - Principais acontecimentos da Segunda Guerra Mundial - Participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial - As consequências da Segunda Guerra Mundial
	5. O Brasil de Getúlio Vargas	- A Revolução de 1930 - Os governos de Getúlio Vargas (Provisório, Constitucional e, após o golpe, Estado Novo)
2 – O mundo no período da Guerra fria	6. As rivalidades durante a Guerra fria	- A bipolarização do mundo entre Estados Unidos e União Soviética - Principais acontecimentos durante a Guerra fria - Revolução e socialismo na China
	7. Lutas sociais e descolonização na África e Ásia	- Movimentos de resistência na África e crise do sistema colonial - O processo de descolonização da África - O processo de descolonização na Ásia
	8. República democrática no Brasil	Aspectos políticos, sociais e econômicos dos governos entre 1945 e 1964 (Dutra, Vargas, Juscelino Kubitschek, Janio Quadros e João Goulart)
	9. Conflitos no Oriente Médio	Causas e consequências dos principais conflitos no Oriente Médio
	10. Brasil sob a ditadura militar	- Aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos durante o regime militar no Brasil (1964-1985) - Reações ao regime militar no Brasil
	11. Nacionalismo e populismo na América Latina	- Golpes, regimes militares e movimentos de resistência na Argentina e no Chile - Principais características da Revolução Cubana
3 – Rumo ao Terceiro Milênio	12. Crise mundial e o fim do bloco socialista	- Crise mundial e o neoliberalismo - Os Estados Unidos a partir da década de 1970 - O fim do bloco soviético
	13. O Brasil da abertura política	- Avanços e retrocessos da abertura política no Brasil - O fim do Regime Militar - A campanha de redemocratização
	14. A redemocratização no Brasil	- A redemocratização - A Constituição de 1988 - Aspectos econômicos, políticos e sociais nos governos entre 1985 e 2002 (Sarney, Collor, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso)
	15. Novos rumos da América Latina	Aspectos econômicos e políticos da América Latina ao final do século XX
4 – O mundo contemporâneo	16. Globalização	- Histórico da globalização - Formação dos blocos econômicos - Aspectos positivos e negativos da globalização
	17. Os conflitos atuais	- Exploração econômica do setor bélico - O fundamentalismo como vetor de conflitos armados - Intervencionismo dos Estados Unidos
	18. África: um continente de desafios	- A formação dos Estados Nacionais africanos - Os problemas atuais na África - Aspectos culturais e africanidades - Conceito de tolerância - Educação para a tolerância
	19. Rumos do Brasil contemporâneo	- Aspectos sociais econômicos e políticos dos governos entre 2002 e 2013 (Lula e Dilma) - Os desafios do Brasil contemporâneo

4. Orientações deste volume

Este volume enfoca conteúdos da história mundial do início do século XX até a primeira década do século XXI.

Seguindo a proposta cronológica do **Projeto Apoema História**, a abordagem da História do Brasil começa na consolidação da república, no final do século XIX, até os dias atuais.

Na primeira metade do século XX o mundo se viu envolto em guerras e revoluções que mudaram o destino de muitas pessoas e reconfiguraram mapas políticos. Após a Segunda Guerra Mundial, a bipolarização do planeta em Estados Unidos *versus* União Soviética deu um tom de mudança, e as ameaças veladas levaram o mundo todo a vivenciar o clima da Guerra Fria.

A África iniciou o século XX fatiada, colonizada e explorada pelos europeus, situação que se alterou bastante na segunda metade do século, quando o mundo viu surgir as nações africanas. Entretanto, muitas não conseguiram superar os problemas causados pelo imperialismo e ainda sofrem com guerras civis. Em pleno terceiro milênio, esse imenso continente ainda tem muitos desafios a superar.

A Ásia, a América e a Europa também enfrentaram desafios no século XX. E no século XXI esses continentes têm sido marcados sobretudo pela globalização e suas implicações, entre elas a grave crise financeira que ameaça a estrutura econômica mundial desde 2007.

Os desafios do terceiro milênio são enormes para todos – governantes e cidadãos –, que precisam enfrentar as guerras atuais e suas consequências para as nações, especialmente a miséria e a violência, que ainda deixam marcas.

Este volume está dividido em quatro unidades e cada uma agrupa períodos históricos em um grande tema:

- Unidade 1 – Entre guerras e revoluções: aborda a História do Brasil iniciando na consolidação da república (1894-1930), passando pela primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, o Brasil e o mun-

do na década de 1920, até a Segunda Guerra Mundial, período em que o país era governado por Getúlio Vargas.

- Unidade 2 – O mundo no período da Guerra Fria: estende-se do pós-guerra até a década de 1960, quando o mundo se viu envolvido na disputa entre Estados Unidos e União Soviética. São abordadas a redemocratização no Brasil após o fim do Estado Novo e a Ditadura Militar, iniciada em 1964, além de tratar das descolonizações na África e na Ásia, dos conflitos no Oriente Médio e das questões políticas que envolveram a América Latina.
- Unidade 3 – Rumo ao Terceiro Milênio: aborda o período que vai da década de 1970 até o início do século XXI, englobando a crise dos Estados Unidos, o fim do bloco socialista, a abertura política e a redemocratização no Brasil, os novos rumos da América Latina.
- Unidade 4 – O mundo contemporâneo: apresenta algumas questões que preocupam o mundo neste século, como a globalização, as crises financeiras, as guerras contemporâneas, a África atual, os direitos humanos e o combate a mazelas como a miséria, a violência e a intolerância, além dos rumos do Brasil neste início de século.

UNIDADE 1

Entre guerras e revoluções

CAPÍTULO 1 – A CONSOLIDAÇÃO DA REPÚBLICA NO BRASIL (1894-1930)

Os anos iniciais da república foram fundamentais para a construção da democracia praticada no Brasil no século XX. Alguns aspectos permaneceram por boa parte do século, como a proeminência política e econômica da Região Sudeste, fundamentada na produção industrial; a importância do setor agroexportador para a economia; um sistema eleitoral com problemas graves; e a imigração e sua influência na constituição do operariado.

Neste capítulo, as charges ocupam lugar de destaque e têm o objetivo de fazer uma crítica política, sobretudo ao sistema eleitoral – desde a primeira imagem, que satiriza a composição política do país, até as que representam os vícios eleitorais (voto de cabresto e fraude). Além disso, os diferentes setores produtivos foram contemplados com imagens que os caracterizam claramente.

O sistema eleitoral do início da república apresentava vícios e problemas estruturais de tamanha monta que inviabilizava o pleno exercício da democracia. Os problemas começavam pela pressão exercida pelo coronel na urna de votos e iam até o processo chamado de degola, no qual a Comissão de Verificação de Poderes do Congresso legitimava os resultados das eleições, sempre a favor do governo. Atualmente, essa estrutura não encontra condições para se manter; contudo, a prática de venda de votos ainda permanece em alguns lugares do país.

Estabelecendo uma relação entre passado e presente, você pode propor uma pesquisa aos alunos, organizados em grupos, de como funcionava o sistema eleitoral nas primeiras três décadas da república e como funciona o mesmo sistema atualmente. Eles podem apresentar os resultados em breves seminários,

observando as mudanças e as permanências. Pode-se dividir a pesquisa em temas, que serão investigados separadamente pelos grupos. Para dar uma visão geral sobre esse processo, ao final das apresentações os alunos deverão compor um texto coletivo, em tópicos, com as informações apresentadas pelos grupos.

Os movimentos sociais

O tema é voltado ao estudo das camadas populares. Se a Proclamação da República foi o resultado da articulação das elites, com participação popular muito reduzida, se não nula – ainda que pese o fato de serem necessários mais estudos sobre o assunto, como apontou José Murilo de Carvalho –, as primeiras décadas republicanas foram permeadas por contestações das classes mais baixas. Tanto no campo como nas cidades, os grupos que se sentiam excluídos da nova sociedade tentaram combater essa situação.

Dessa forma, motivações diversas alimentaram os movimentos populares. O que os unia, contudo, era o desejo de participar da república que nascia, uma tentativa de inaugurar uma nova ordem, diversa da do império. O desenvolvimento do assunto mostrará se esses movimentos foram bem-sucedidos ou fracassaram.

Na discussão deste capítulo, você pode iniciar o tema dos movimentos sociais com base na experiência prática dos alunos, indagando-lhes se algum de seus familiares já participou de greves ou de outro movimento social. Em seguida, pode fomentar um debate com a turma acerca da relevância dos movimentos sociais, sua forma tensa de inserção na sociedade capitalista contemporânea e a maneira pela qual constroem a história cotidianamente.

A Revolta da Vacina foi consequência de um movimento mais amplo, que expulsou a população pobre das áreas centrais do Rio de Janeiro. Sem opção, essas pessoas foram obrigadas a abandonar sua residência e se mudar para lugares mais distantes do centro, por causa do aumento nos valores dos imóveis e dos aluguéis. Nos anos que antecederam a Copa do Mundo de Futebol de 2014, um movimento semelhante aconteceu em todos os locais

escolhidos como sedes desse evento. Apesar de não terem sofrido violência da mesma forma que na Revolta da Vacina, os moradores das áreas desapropriadas para a Copa foram prejudicados ao serem forçados a sair de sua residência ou seu comércio para dar lugar às obras de infraestrutura necessárias para o evento. Pensando nisso, você pode pedir aos alunos que estabeleçam paralelos entre os dois casos. Estimule-os a refletir sobre as diferenças e as semelhanças: Por que praticamente apenas a população mais pobre sofreu com os preparativos da Copa do Mundo? Por que, apesar de se sentirem injustiçadas, essas pessoas não reagiram violentamente, como os revoltosos de 1904? De que forma o governo poderia agir com justiça em relação a essa população?

O tenentismo

O propósito desse tema é apresentar, em linhas gerais, o período conhecido como Belle Époque brasileira, entre os anos 1920 e 1930, que se caracterizou por importantes acontecimentos culturais e políticos. Um deles, a Semana de Arte Moderna, representou um ponto de inflexão nos caminhos da produção artística nacional. Tratou-se de um ciclo de apresentações de música erudita com temas brasileiros ou de inspiração nacional, poemas, escultura e pintura. A Semana criticava a arte academicista de feição europeia, principalmente francesa, que pouco dizia sobre as especificidades da cultura brasileira.

Do ponto de vista político, o cenário da república das oligarquias viu-se abalado pela insurreição dos tenentes. Os jovens oficiais pretendiam retirar as elites tradicionais do poder político e romper com a Política do Café com Leite, sistema informal, mas muito efetivo, de revezamento entre Minas Gerais e São Paulo no governo federal. Os tenentes sentiam-se imbuídos de uma missão redentora, uma tarefa patriótica de salvação e moralização da república. O Movimento Tenentista, somado a irrupções como a de Isidoro Dias Lopes em São Paulo, em 1924, ou à formação da célebre Coluna Prestes, agitou a República Velha. Tal movimentação sociopolítica desembocou no complexo de

alianças entre setores militares progressistas, oligarquias dissidentes (em especial a gaúcha) e mesmo a oligarquia mineira, na preterida figura de Antônio Carlos de Andrada e na Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder.

Resoluções das atividades

p. 14 – Documentos em análise

1. O documento 1 mostra fantasmas e faz referência aos votos de pessoas mortas. O documento 2 mostra um eleitor com orelhas de burro e cabresto sendo conduzido por um coronel.
2. O documento 1 critica o uso desonesto do nome de eleitores mortos para garantir votos aos candidatos dos coronéis. O documento 2 critica o voto de cabresto, que consistia em o eleitor votar no candidato do coronel em troca de favores e/ou sob ameaça de sofrer alguma violência.

p. 15 – Diversificando linguagens

1. No início do regime republicano.
2. As normas e rotinas políticas e institucionais da república.
3. O regime republicano.

p. 19 – Documentos em análise

1. Não. Alguns denunciavam a realidade dura e cruel que os recém-chegados encontravam e alertavam para que outros não viessem.
2. Resposta de acordo com a pesquisa realizada.

p. 22 – Documentos em análise

1. Como heróis, que resistiram até o último momento na defesa de sua comunidade.
2. Como soldados cruéis, que lutam contra poucas pessoas.
3. A total destruição de Canudos serviria de exemplo ao que aconteceria com os monarquistas, que representavam uma ameaça ao governo republicano.

p. 24 – Documentos em análise

1. Espera-se que os alunos percebam que no documento 1 é mostrada a reação da população contra Oswaldo Cruz e os sanitaristas. Em uma demonstração de resistência, o povo usa vassouras, painéis e serrotes como armas. No documento 2, as pessoas aparecem sendo espetadas, aparentando sofrimento e insatisfação com a situação imposta.

p. 26 – Documentos em análise

1. Como uma cena de guerra, na qual ele ficou com medo de ser vítima dos disparos de canhão.
2. Sim, ele é a favor dos marinheiros. Percebe-se isso quando ele explica a razão do conflito, elogia a habilidade de João Cândido e critica o desfecho da revolta.
3. Significa que a atitude do governo foi vergonhosa, porque, mesmo tendo sido acordada a anistia, os rebeldes presos foram quase todos mortos.
4. Sim, o autor apresenta o caso de um jornalista que citou a revolta e foi atacado por marinheiros.

p. 29 – Documentos em análise

1. Os sertanejos acusam os governantes de atacá-los covardemente e de vender terras a estrangeiros, não respeitando o direito dos moradores. O capitão também cita a questão da posse da terra.
2. Messianismo, presença de estrangeiros se apossando de terras que antes eram coletivas, questão de limites entre Paraná e Santa Catarina, miséria.

p. 38 – Diversificando linguagens

1. Lutavam nas trincheiras, escreviam artigos em jornais, militavam pelas ruas colando cartazes, incitando soldados legalistas a aderir às tropas rebeldes, pregavam em postes cópias mimeografadas dos comunicados de Prestes.

2. Que enfrentavam os mesmos problemas que os homens, além do preconceito de seus companheiros.

3. De acordo com o depoimento, apesar de sua fraqueza biológica, as mulheres da Coluna eram vistas dentro do movimento como bravas e corajosas. Sim, essa visão demonstra preconceito pela inferiorização biológica das mulheres, mas os adjetivos elogiosos de dentro do movimento mostram que elas vinham conquistando importância e destaque.

p. 42 e 43 – Diversificando linguagens

1. A vitória do candidato governista Júlio Prestes nas eleições de março de 1930, que contrariava os interesses da oligarquia.
2. Derrubar o governo e reformular o sistema político vigente.
3. O assassinato de João Pessoa, presidente da Paraíba e candidato derrotado à vice-presidência na chapa da Aliança Liberal.
4. Devido ao grande peso político do Rio Grande do Sul na época.

CAPÍTULO 2 – A GRANDE GUERRA E A REVOLUÇÃO RUSSA

A Primeira Guerra Mundial, a mais sangrenta já vista até 1914, recebe, nesse capítulo, uma abordagem que privilegia os antecedentes e as causas do conflito e versa sobre o imperialismo.

O texto explica a ascensão do nacionalismo em vários países, a contenção do avanço alemão, a guerra de trincheiras (destacando o cotidiano dos soldados ao citar o relato de um combatente) e a entrada decisiva dos Estados Unidos na guerra, primordial para o fim dela. Ao concluir, o texto traz os tratados entre a Alemanha e as nações vencedoras, que redefiniram a geopolítica europeia. As consequências econômicas e políticas são importantes para entender o enfraquecimento dos países da Europa e a consolidação dos EUA como potência mundial.

Professor, inicie o diálogo sobre a Primeira Guerra Mundial chamando a atenção dos alunos para o fato de que, apesar da denominação, essa guerra foi essencialmente europeia. A discussão deve dar margem para que você exponha o fato de que, na memória da civilização ocidental do século XX, a Europa identificava a si própria como “humanidade” ou “mundo”, eixo de gravidade de todas as outras populações e seu centro necessário de referência.

A gripe espanhola foi a maior causa de mortes durante a Primeira Guerra Mundial. Houve casos em que ela exterminou quase a totalidade de destacamentos militares norte-americanos. Em razão do grande impacto que causou no mundo, você pode solicitar aos alunos que pesquisem essa doença. Os alunos podem ser organizados em grupos para pesquisar diferentes aspectos, como a origem da doença, a devastação causada por ela na guerra, países mais afetados, por que ela foi chamada de gripe espanhola, entre outros tópicos. Se você julgar adequado, a pesquisa pode envolver a disciplina de Ciências, tornando-se uma atividade multidisciplinar. O professor de Ciências pode auxiliar os alunos explicando os mecanismos de transmissão da doença, por que ela foi tão letal, como ocorreu a mutação do vírus e os efeitos que causa ao organismo humano.

Revolução Russa

País economicamente atrasado, a Rússia czarista promoveu uma modernização que não incluiu toda a população, o que fomentou os movimentos contestatórios populares. Alimentados pelas ideologias socialistas de Marx e Engels, homens como Lênin e Trótski fundaram o Partido Social-Democrata. A revolução de 1905 contribuiu ainda mais para a desestabilização do governo do czar Nicolau II, que caiu de vez em 1917, em plena Primeira Guerra Mundial.

Em 1922, depois da guerra civil que opôs os bolcheviques a outras nações amedrontadas pela expansão do movimento revolucionário além das fronteiras da Rússia, o Império Russo foi substituído pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Teve início uma luta pelo

poder entre Trótski e Stálin, que culminou na vitória deste último e no começo da máquina publicitária stalinista. Essa situação é demonstrada pela comparação entre as fotografias apresentadas na página 61.

Professor, você pode trabalhar com os alunos a noção de fotografia como documento histórico. As fotografias da página 61 podem ser retomadas à luz do texto sugerido. Desse modo, os alunos poderão entender que, apesar de a fotografia muitas vezes ser vista como uma apresentação fiel da realidade, ela também é um artefato, um constructo cultural. E, como tal, depende de muitos fatores: a opinião do fotógrafo, o enquadramento, o ângulo da fotografia, mas, sobretudo, daquilo que ficou de fora e da sequência do evento retratado, ou seja, o que veio antes e o que veio depois. A fotografia é uma imagem congelada de um instante fugaz que pode ser imortalizado, perenizado, ampliando, assim, a importância do evento presente na imagem, o que às vezes altera sua relação com o todo no qual a imagem está inserida.

Converse com os alunos sobre a fotografia em que Trótski foi apagado, mas amplie a discussão para as imagens atuais. O que significam todas as peças publicitárias que utilizam digitalizações e alterações nas fotografias? Por que se recorre com tanta frequência a esse tipo de intervenção?

Resoluções das atividades

p. 50 – Diversificando linguagens

1. No início do texto é possível perceber alegria e entusiasmo que, segundo o autor, tendem a desaparecer no decorrer da guerra.
2. Espera-se que os alunos relacionem os dois tipos de documento identificando na imagem as mortes causadas nos combates.
3. Resposta pessoal. Espera-se estimular os alunos a perceber que, depois do início da guerra, o sentimento muda em razão da dor e da destruição causadas pelo conflito armado.

p. 53 – Documentos em análise

1. Professor, o objetivo da atividade é estimular a capacidade de leitura, compreensão e sintetização das informações do texto.
2. Professor, a intenção não é discutir o aspecto religioso da questão, mas evidenciar a desesperança experimentada em um cenário de miséria, destruição e morte. Pode-se também trabalhar com o aluno as justificativas racistas, xenofóbicas, de superioridade e inferioridade étnicas, usadas não somente no massacre dos armênios, mas também em diversas outras ocasiões, como o massacre muçulmano na Guerra da Bósnia.

p. 56 – Documentos em análise

1. Manter a Rússia na primeira Guerra Mundial e não promover a reforma agrária, ou seja, não procurar melhorias para o povo que sofria com a fome e com a guerra.
2. A revolução social, até a vitória completa do proletariado.

p. 58 – Diversificando linguagens

1. Estagnada e atrasada em relação a outras localidades.
2. As cidades estavam cheias de problemas e a população relativamente desesperada por causa do grande número de crianças e mendigos nas ruas, pela presença do tráfico de todo tipo de produtos e pela corrupção dos governos locais.
3. De que todo o esforço da revolução não tinha valido a pena.

p. 59 – Documentos em análise

1. Ela critica a forma como eram tomadas as decisões no governo socialista, afirmando que uma revolução realizada pelo povo e para o povo, embasada nos soviets, não poderia ter seu destino decidido por apenas algumas dezenas de chefes do partido.
2. Refere-se aos poucos políticos que detinham o poder.

p. 61 – Diversificando linguagens

1. A discordância entre o papel dos sindicatos na União Soviética.
2. O fato de que Trótski poderia atrapalhar seu objetivo de construir a imagem de grande estrategista militar e estadista.

CAPÍTULO 3 – O PERÍODO ENTREGUERRAS

O incentivo econômico derivado da Primeira Guerra Mundial, a produção em massa, o aumento do consumo interno e o surgimento do *american way of life* foram características que marcaram profundamente o período. Mas o racismo, a xenofobia e a corrupção perpetrada pela máfia por causa da Lei Seca também grassavam nos Estados Unidos. A Crise de 1929, da Bolsa de Nova York, afetou não apenas a economia dos Estados Unidos mas também a da Europa. Como resposta, o governo de Roosevelt adotou o *New Deal*, pacote de medidas criado para superar a crise econômica que debilitava o país no início da década de 1930. Este capítulo, que está relacionado ao estudo do capítulo seguinte, é breve, mas importante para que os alunos compreendam um momento histórico de profundas transformações, no qual delineou-se o panorama da crise que antecedeu o maior conflito armado de todos os tempos.

O governo norte-americano preocupou-se intensamente com o consumo de drogas e álcool no começo do século XX. Com a deflagração dos conflitos na Europa em 1914, temia-se o impacto negativo do consumo de álcool sobre as tropas levadas ao Velho Continente. Professor, você pode abordar essa questão associando-a ao problema do consumo de álcool na sociedade brasileira atual. Discuta com os alunos o impacto que a ingestão alcoólica em excesso causa à sociedade, levando à desagregação de famílias e a casos de violência, como assassinatos, acidentes automobilísticos e brigas em geral.

Converse também sobre o consumo de bebidas alcoólicas entre menores de idade e os riscos decorrentes desse hábito. Você pode trabalhar o tema em parceria com o professor de Geografia, de modo que os alunos debatam mais profundamente esse grave problema social.

A ascensão do totalitarismo

Enquanto no Brasil a década de 1920 presenciou a continuidade das revoltas populares que vinham ocorrendo desde a Proclamação da República, na Europa a situação era bem diferente. Nesse período, os governos totalitários começavam a emergir na cena política, destacando-se mais na Itália e Alemanha. Por isso, incluímos ambos os países nesse tema.

São analisadas as causas históricas decorrentes do fim da Primeira Guerra Mundial, a forma pela qual o fascismo e o nazismo foram implantados nos respectivos países, os processos que consolidaram seus líderes no poder e as medidas adotadas por eles que levaram a Europa a mais um conflito bélico de proporções globais.

Para abordar esse tema – bastante delicado e polêmico –, você pode iniciar a discussão explicando o que é preconceito, seu caráter fundamentalmente arbitrário, anterior e contrário à reflexão teórica e humanística. Em seguida, pergunte aos alunos se identificam em si mesmos, em seu comportamento, suas práticas cotidianas e seus valores algum preconceito. Na sequência, você deve averiguar qual é a opinião deles – no âmbito do senso comum e da ideologia propagada pelos meios de comunicação de massa – acerca dos judeus e dos alemães.

O governo nazista perseguiu todas as minorias sociais. Deficientes mentais, homossexuais, ciganos, negros e judeus foram alvos das políticas segregacionistas que levaram ao extermínio de milhares dessas pessoas. Os judeus, porém, foram os mais perseguidos. A arte produzida por eles foi incluída em um grupo chamado de arte degenerada, que abrangia toda a arte moderna. Entre os artistas estava o lituano Lasar Segall, que se refugiou no Brasil. Suas obras foram abrigadas no museu que leva seu nome, o Museu Lasar Segall. Repudiando o

preconceito de qualquer natureza, você pode se basear na história de vida de Lasar Segall para discutir com os alunos os temas de intolerância religiosa, preconceitos e estereótipos relativos aos judeus.

O salazarismo português

Portugal e Espanha, a exemplo da Itália e da Alemanha, também adotaram governos autoritários. Com a deposição das monarquias reinantes, as repúblicas foram inauguradas. Em Portugal, essa forma de governo foi incapaz de superar as dificuldades econômicas herdadas do período monárquico e abriu caminho para o surgimento de movimentos conservadores que, por meio de golpe militar, assumiram o poder, sob o comando de Salazar. O texto trata, portanto, dos principais aspectos desse governo, que durou até 1970.

Poucos anos depois, na Espanha, a monarquia foi derrubada, instaurando-se uma república liberal. No entanto, rapidamente ela passou a ser atacada pelos conservadores. O combate entre as forças opostas promoveu a Guerra Civil Espanhola, entre 1936 e 1939, com a consequente derrota dos republicanos e o estabelecimento do franquismo no poder. Apesar de suas orientações autoritárias, os dois países permaneceram neutros durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse aspecto, eles diferiram dos regimes alemão e italiano estudados no capítulo.

Resoluções das atividades

p. 69 – Diversificando linguagens

1. Protecionismo alfandegário, desvalorização monetária, subvenções governamentais a empresas privadas e aumento dos gastos públicos.
2. Atenuar a crise econômica pela qual os Estados Unidos passavam.
3. Salvar temporariamente o capitalismo, abandonando o tradicional liberalismo econômico americano.

p. 73 – Documentos em análise

1. Espera-se que o aluno observe que tanto os *slogans* quanto a imagem contêm

uma tentativa de estimular e propagar a adoção da postura política fascista, com destaque para os feitos dos camisas-negras e as palavras de ordem que exemplificam as intenções e a postura política do regime de Benito Mussolini.

2. O nacionalismo extremado, o combate à democracia, a exaltação ao líder e o uso de métodos violentos.

p. 77 e 78 – Diversificando linguagens

1. O discurso de Chaplin conclama as pessoas a mudar o mundo, lutar contra os ditadores, não aceitar a violência e nenhuma forma de opressão e intolerância.
2. Esse discurso continua atual, pois a humanidade continua a guerrear e ainda não prevalecem todos os direitos humanos básicos, como a igualdade e a liberdade.

p. 80 – Documentos em análise

1. Segundo Salazar, apenas o Estado poderia garantir os interesses da nação. Professor, é importante discutir com os alunos que, na prática, os regimes ditatoriais tentam eliminar a oposição adotando medidas de censura e violência para criar uma ideia falsa de harmonia e concordância.

p. 83 – Diversificando linguagens

1. Sufocando os republicanos, com auxílio externo, e com a tomada das principais cidades esquerdistas espanholas (Madri, Barcelona, Valência, Murcia e Alicante).
2. O regime reprimiu fortemente os opositores da ditadura. Manteve uma política econômica de mercado, porém autárquica.

CAPÍTULO 4 – A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Esse capítulo traz à discussão o maior conflito – efetivamente em escala global – enfrentado pelo Ocidente, as causas imediatas, as táticas, estratégias, ações bélicas e suas consequências, que alteraram radicalmente

a geopolítica mundial. É resgatado o nexo de causalidade com a Primeira Guerra Mundial e suas consequências, e abordada a maneira como a imposição do Tratado de Versalhes à Alemanha derrotada – que se rende já como República de Weimar – provocou profunda humilhação ao povo alemão.

A Segunda Guerra Mundial foi o confronto militar mais sangrento de toda a história. Exterminou a vida de milhões de pessoas e alterou profundamente a divisão mundial de poder inaugurando uma nova ordem mundial, fundamentada na bipolaridade.

O texto narra os antecedentes e os conflitos bélicos. Novamente, como na Primeira Guerra Mundial, a entrada dos Estados Unidos ocorreu quando a guerra já estava avançada, mas tornou-se igualmente decisiva. Contudo, os resultados foram muito mais significativos. Em 1918, a nação norte-americana saiu fortalecida internamente, especialmente no que diz respeito à economia; de modo similar, após 1945, ela foi capaz de estender sua zona de influência por grande parte do globo. A origem das independências asiáticas e africanas e a criação da ONU foram outros desdobramentos da guerra.

Resoluções das atividades

p. 94 – Diversificando linguagens

1. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos identifiquem que o autor, por meio de linguagem poética, lamentou a morte e o sofrimento de milhares de pessoas inocentes causados pela bomba em Hiroshima e perpetuou na memória a estupidéz de tal violência.
2. Resposta pessoal. Professor, oriente os alunos na pesquisa. Após obterem os resultados, retorne ao poema e reflita com eles sobre a metáfora apresentada no texto, que relaciona os ferimentos causados pela bomba a uma rosa e a menção que o poema faz a diversas doenças e sensações desenvolvidas nos seres humanos pela exposição à radiação.

p. 95 – Documentos em análise

1. Sim. A de que o conflito causou muita destruição.
2. A destruição de inúmeras cidades e a morte de milhares de pessoas.

CAPÍTULO 5 – O BRASIL DE GETÚLIO VARGAS

Enquanto o fascismo e o nazismo espalhavam-se pelo continente europeu, no Brasil, o que havia começado como um governo democrático, apesar do golpe de 1930, logo se transformaria em um governo autoritário. O capítulo analisa esse processo desde o governo provisório, passando pelo governo constitucional e pelo Estado Novo, até a queda de Vargas.

Entre os assuntos abordados estão o Movimento Constitucionalista de 1932 e o novo Código Eleitoral, do mesmo ano, que conferiu o direito de voto às mulheres, tema que mereceu destaque no capítulo com a leitura e análise de um texto. O integralismo e a Aliança Nacional Libertadora (ANL) não foram deixados de lado, nem as formas utilizadas por Vargas para fortalecer o controle sobre a sociedade, fato representado pela imagem da *página 109*. A relação entre a Segunda Guerra Mundial e o fim do governo varguista foi contemplada no final do capítulo.

Uma das imagens escolhidas para compor o capítulo é a fotografia de Carlota Pereira de Queirós, na *página 101*, ocupando seu lugar na Assembleia Constituinte de 1934. De lá para cá, a participação feminina na política brasileira aumentou gradativamente. Sabendo disso, você pode orientar a confecção coletiva de um mural que contenha informações sobre a evolução histórica da presença feminina na política brasileira. Os alunos podem, por exemplo, buscar respostas às questões: Quantas mulheres já ocuparam cargos no Congresso Nacional? De quais estados elas provinham? Quantas ocupam atualmente uma cadeira no Congresso Nacional? Quantas são as ministras no atual governo? E outras informações que

você e os alunos considerarem importantes. Para finalizar a atividade, estimule uma discussão sobre a evolução da participação feminina na sociedade e pergunte se, na opinião deles, homens e mulheres têm atualmente as mesmas condições sociais e econômicas.

Resoluções das atividades

p. 99 – Documentos em análise

1. Sim, Vargas afirma que houve a união de diversos setores e classes sociais para que uma “pátria nova” fosse construída.
2. Para Vargas, todos os segmentos sociais, sem diferenciação de gênero ou idade, foram responsáveis pela “revolução”.
3. Resposta pessoal. Espera-se que o aluno responda que o movimento armado liderado por Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul culminou no Golpe de Estado que depôs Washington Luís e impediu a posse do presidente eleito, Júlio Prestes, dando início ao período de ditadura.
4. Colocou fim ao predomínio das oligarquias, encerrando também a Primeira República Brasileira, conhecida como República Café com Leite. Em seguida, Getúlio Vargas assumiu o poder e deu maior visibilidade aos militares, à classe média e aos operários.

p. 101 – Diversificando linguagens

1. Uma vitória, pois finalmente uma mulher participava das decisões como representante do povo.
2. Hoje as mulheres ocupam cargos eletivos de destaque, como senadoras, governadoras, prefeitas, presidente da República etc. A Constituição garante às mulheres o direito de votar e de serem votadas.

p. 105 – Diversificando linguagens

1. A entrega de Olga Benário e Elisa Berger aos alemães. Como ambas eram de origem judia, seu provável destino seria os campos de concentração nazistas na Europa, onde havia práticas de extermínio. Professor, é importante enfatizar e reto-

mar os conceitos que fundamentavam o regime nazista na Alemanha.

2. Graciliano se mostra angustiado, desesperado com a ação, assim como outros detidos.
3. Sim, eles reagiram fazendo barulho, gritando, arrombando celas, fazendo algazarra.
4. Aos que os mantinham presos (forças policiais). Espera-se que o aluno perceba que o uso desse coletivo, que significa “grupo de cães” ou, popularmente, de “vadios”, representa a ação cruel dos que os mantinham presos.
5. De que as mulheres não saíam do Brasil. A promessa não foi cumprida e elas foram enviadas à Alemanha.

p. 107 – Diversificando linguagens

1. Seguia as tendências autoritárias, que se faziam presentes em muitos regimes políticos europeus.
2. A de que a democracia liberal não passava de um regime fantasioso e insuficiente para a solução dos problemas da época.

p. 111 – Diversificando linguagens

1. O apoio do regime aos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial.
2. Era que, apesar de ser um regime ditatorial e manter relações estreitas e similaridades com os regimes nazista e fascista, o Estado Novo apoiava, no conflito, o bloco contrário aos países em que havia ditadura.
3. Quer dizer que toda a mobilização promovida pelo movimento não interferiu para amenizar a decadência do governo getulista.

UNIDADE 2

O mundo no período da Guerra Fria

CAPÍTULO 6 – AS RIVALIDADES DURANTE A GUERRA FRIA

O final dos conflitos armados da Segunda Guerra Mundial levou a uma redefinição geopolítica da Europa, como foi estudado no Capítulo 4 da Unidade 1. Dando continuidade a essa divisão, Estados Unidos e União Soviética promoveram um movimento de expansão de suas zonas de influência: de um lado, o Plano Marshall e a criação da Otan; de outro, o Comecon e o Pacto de Varsóvia. Essa divisão quase chegou a opor diretamente as duas superpotências, como na crise dos mísseis de 1962, o que poderia deflagrar um terceiro confronto mundial, de proporções muito maiores que os anteriores, em consequência do arsenal atômico desenvolvido e acumulado em cada um desses países durante a corrida armamentista, apesar da “coexistência pacífica”.

Ainda assim, eles não deixaram de medir forças, mesmo indiretamente, o que pode ser provado com a Revolução Cubana, os golpes militares na América Latina, os conflitos na Coreia e no Vietnã, a espionagem, o desenvolvimento de armas de grande destruição e a corrida espacial. A letra da canção “Era um garoto que, como eu, amava os Beatles e os Rolling Stones” é uma oportunidade de aproximar os alunos da realidade da Guerra Fria.

Durante esses anos, intensificaram-se os movimentos a favor dos direitos civis – especialmente nos Estados Unidos, em relação às políticas raciais – e as manifestações de 1968, que também ocorreram na Europa Ocidental. O mundo socialista também assistiu a manifestações populares e a afastamentos de alguns países da esfera de influência soviética.

Para abordar o conflito geopolítico e ideológico entre os Estados Unidos e a União

Soviética, você pode relembrar alguns super-heróis das histórias em quadrinhos, ainda hoje presentes na memória dos alunos, seja por este meio de comunicação de massa ou por outros, como o cinema. Um destaque deve ser conferido ao Capitão América e a Indiana Jones, principalmente em função do último filme protagonizado pelo herói: *Indiana Jones e o reino da Caveira de Cristal* (direção de Steven Spielberg, 2008). Ambos os heróis combatem justamente os antagonistas soviéticos incutindo no imaginário ocidental o medo do perigo comunista e, para isso, apelam para o horror que representaria o potencial nuclear da URSS.

No começo deste século XXI, as duas ex-superpotências da Guerra Fria, Estados Unidos e Rússia (república herdeira da União Soviética) firmaram diversos acordos para a redução de seus armamentos nucleares. Os últimos governos norte-americanos, George W. Bush e Barack Obama, e russos, Dimitri Medvedev e Vladimir Putin, vêm se empenhando para alcançar a meta de eliminação total dos arsenais atômicos. Contudo, há países que se recusam a seguir o mesmo caminho alegando que usarão a energia atômica para fins pacíficos. Alguns deles negam-se a ser supervisionados por observadores internacionais e organismos gerenciadores.

Desse modo, você pode pedir aos alunos uma pesquisa sobre o atual uso da energia atômica, desde usos pacíficos até os destinados à construção de armas de destruição em massa. A pesquisa deve conter informações sobre os países que já possuem a tecnologia atômica, os que admitem estar em fase de pesquisa e os que provocam temor na comunidade internacional, além das potenciais zonas de conflito nuclear etc. Os resultados da pesquisa devem ser apresentados oralmente em seminários. No final, auxilie-os a redigir um documento único, que será um manifesto da classe, a ser enviado ao representante brasileiro na ONU. Nesse documento, os alunos deixarão clara sua posição de repúdio ao uso da tecnologia atômica para fins não pacíficos. Para enviar o arquivo digital contendo o texto redigido, eles podem aces-

sar o *link* da ONU no Brasil: <www.onu.org.br/conheca-a-onu/fale-conosco/>. Essa também é uma oportunidade para eles conhecerem os trabalhos desenvolvidos pela entidade e, se houver interesse, inscrever-se como voluntário em algumas delas.

China: revolução e socialismo

Esse tema aprofunda o estudo das transformações sofridas pela China no século XX, que passou de império a república e, por fim, ao regime socialista. Nesse intervalo, Chiang Kai-Shek e Mao Tsé-Tung enfrentaram-se em uma guerra civil, durante a qual se formou a Grande Marcha, e o Japão invadiu a Manchúria, levando à união temporária de nacionalistas e comunistas na China, aliança que foi desfeita após a expulsão dos japoneses em 1945. Fortalecidos, os comunistas declararam, em 1949, a República Popular da China.

Sob o comando do Partido Comunista, o país começou a ser reorganizado e foi implantada a Revolução Cultural. Contudo, com a morte de Mao, o grupo moderado assumiu o controle do país, que passou por um processo de distanciamento das ideias do antigo líder e implementou o chamado “socialismo de mercado”, uma mescla de conceitos socialistas e práticas econômicas capitalistas, não apenas inserindo a nação na economia globalizada, como tornando-a um dos mais importantes agentes do mercado. O texto também destaca as dificuldades enfrentadas pela sociedade chinesa e o rígido sistema político vigente no país, a despeito da modernização econômica das últimas décadas.

Os governos autoritários utilizam com frequência práticas de propaganda política. Um dos alvos prediletos dessas campanhas são as crianças, consideradas o maior patrimônio humano de uma nação e a continuidade dos projetos nacionalistas desses países. A imagem de um cartaz de propaganda política, na página 137, exemplifica essa questão. Com base nessa imagem, você pode solicitar aos alunos uma pesquisa sobre o uso desse tipo de propaganda no Brasil durante o Estado Novo. Ajude-os a observar

os *slogans* utilizados – para quem se dirigiam essas propagandas e as linguagens gráficas e textuais empregadas – e os motivos que levaram o governo a fomentá-las, incentivando-os a comparar as diferenças e semelhanças entre China e Brasil na mesma época e a comentar a situação desses países. Se houver possibilidade e interesse, oriente-os a pesquisar a propaganda política brasileira atual e peça a eles que a comparem com a realizada no governo ditatorial de Vargas e que destaquem as diferenças e semelhanças entre as duas. A atividade pode ser feita em grupo, e os resultados, apresentados em forma de texto.

Resoluções das atividades

p. 125 – Diversificando linguagens

1. Com a Guerra Fria.
2. O envio do primeiro animal à Lua.
3. Porque representou um passo à frente na corrida espacial, colocando a URSS à frente dos EUA.

p. 127 – Documentos em análise

1. Ele criticava o fato de os negros ainda serem tratados com preconceito e discriminação, ficando de fora das melhorias destinadas aos norte-americanos, mesmo após mais de 100 anos da Abolição da Escravatura.
2. Sonhava com o fim do preconceito e da discriminação.

p. 130 – Diversificando linguagens

1. Resposta pessoal. Espera-se que o aluno perceba que a Guerra Fria constituiu uma série de disputas econômicas, sociais, políticas, militares e ideológicas entre Estados Unidos e União Soviética pela hegemonia mundial, em uma polarização ideológica marcada pelo conflito capitalismo *versus* socialismo.
2. Para Hobbes, basta a intenção da disputa armada para haver guerra.

3. Esse conceito define a Guerra Fria: um período em que prevaleceu a intenção da luta.

p. 133 – Diversificando linguagens

1. Resposta pessoal. Espera-se que o aluno descubra que as duas bandas faziam sucesso mundialmente e influenciavam a juventude de diversos países no período.
2. Por “Cantava ‘Viva a liberdade’”, espera-se que o aluno perceba que o rapaz possivelmente apoiava movimentos culturais que defendiam a paz e os direitos civis, mas fora convocado (sendo impossível negar-se a ir) a lutar por seu país (os Estados Unidos) em uma guerra com a qual provavelmente não concordava. Nota-se que era uma guerra pela qual não nutria nenhum interesse e na qual lutaria – distante de tudo que amava – contra indivíduos que não eram seus inimigos.
3. A metralhadora. Espera-se que o aluno responda à questão utilizando seus conhecimentos prévios e relacionando o som (rá-tá-tá-tá).
4. Espera-se que o aluno perceba que a situação de guerra é narrada como um contraponto a tudo aquilo que o autor considera liberdade (cabelos longos em oposição ao corte de cabelo militar; guitarra em oposição à metralhadora). Por fim, o personagem morre e o autor critica a falta de humanidade da guerra ao relatar que, no lugar do coração no peito, só lhe restam duas medalhas de honra pelo serviço prestado.

p. 139 – Diversificando linguagens

1. Afirmavam que baseava-se na repressão política.
2. A implantação de uma democracia similar às ocidentais.
3. Porque a abertura comercial foi considerada um abandono dos ideais socialistas.

CAPÍTULO 7 – LUTAS SOCIAIS E DESCOLONIZAÇÃO NA ÁFRICA E ÁSIA

Esse capítulo enfoca as lutas sociais e a descolonização da África e da Ásia.

O continente africano é estudado por meio da retomada da partilha do continente pelas nações imperialistas, que desrespeitaram as características étnicas e culturais de seus habitantes. Os povos locais, contudo, não aceitaram essa imposição e criaram movimentos de resistência armada e cultural. Influenciados pelo ideal da autodeterminação dos povos, pelo pan-africanismo e pelo movimento da negritude e contando com o apoio da imprensa, eles disseminaram suas ideias pelo continente e contribuíram para a consciência crítica contra a presença colonialista.

A Segunda Guerra Mundial acelerou as mudanças políticas, pois o fim dos governos autoritários europeus e as dificuldades enfrentadas pelos outros países, além da Guerra Fria, ajudaram a criar condições para que as independências africanas fossem conquistadas. Apesar desses determinantes externos, o texto não desconsidera a importância dos movimentos nacionalistas na conquista da liberdade.

Descolonização da África

Trata dos processos de independência de povos que estavam submetidos ao jugo de nações europeias colonizadoras e imperialistas. A forma escolhida para contemplar o tema difere da que será estudada no próximo tema, **Descolonização na Ásia**. Se para a Ásia os estudos centraram-se em cada país colonizado, as análises sobre a África foram organizadas em função da saída das metrópoles europeias do continente africano. Grã-Bretanha, França, Bélgica e Portugal foram gradualmente perdendo forças, ao passo que os movimentos nacionalistas africanos ganhavam terreno, como já foi visto no Capítulo 7 dessa mesma unidade. Ao final, apresentamos um estudo sobre *apartheid*.

Descolonização na Ásia

A descolonização da África e da Ásia pode ser trabalhada como duas partes de um mesmo processo: a busca pela independência dos

povos submetidos ao controle das nações imperialistas e colonialistas da Europa e, no caso da Ásia, também do Japão.

A descolonização da Ásia depois da Segunda Guerra Mundial foi o resultado do enfraquecimento dos países colonizadores europeus, do novo ordenamento geopolítico oriundo da Guerra Fria e da criação da ONU. Índia, Indonésia, Malásia, Cingapura, Filipinas e, mais tarde, Timor-Leste conquistaram sua independência.

Entre tantos acontecimentos relativos ao período da luta pela liberdade nas regiões da Ásia analisadas no texto, emerge a figura de Gandhi. Líder da independência indiana, ele exerceu grande influência em seu país. Sua imagem ficou conhecida em todo o mundo e algumas de suas ideias são facilmente identificáveis por muitas pessoas, como a resistência pacífica.

Resoluções das atividades

p. 149 – Diversificando linguagens

1. À Segunda Guerra Mundial. Devido à citação das bombas nucleares de Hiroshima e Nagasaki.
2. Para o autor, os africanos perceberam a aparência enganadora dos europeus.
3. As mudanças de forças políticas internacionais: bipolarização URSS e Estados Unidos; onda de resistência popular – movimentos anticolonialistas.
4. A Segunda Guerra Mundial, que colocou diretamente em confronto democracias e regimes totalitários e opressores, mostrando uma contradição hipócrita nessa luta, pois as mesmas democracias atuavam de maneira opressora e exploratória em suas colônias africanas. Além disso, a Segunda Guerra gerou uma grave crise econômica na Europa, que viu como melhor alternativa estabelecer um controle indireto dos mercados africanos – por meio das grandes empresas multinacionais – diante dos vultosos gastos para manter o aparato de controle direto.

p. 152 – Diversificando linguagens

1. Os africanos não eram tratados em igualdade de condições com os europeus e os movimentos nacionalistas eram reprimidos.

p. 156 – Diversificando linguagens

1. A discriminação e segregação racial de negros e mestiços e a concentração de poder nas mãos de uma minoria política branca.
2. Por meio da existência de locais exclusivos para brancos e negros, que reafirmavam o racismo no país.
3. Afirmavam que outros países também aceitavam a existência de segregação, como era o caso da Alemanha com o Muro de Berlim e da tirania comunista, na Polônia e em outros países da Europa Oriental, e no Afeganistão.

p. 161 – Diversificando linguagens

1. No geral, não houve grande resistência por parte dos países colonizadores, com a ressalva para casos no Sudeste Asiático.
2. O movimento ocorrido na Indochina francesa é o principal caso de resistência à descolonização.
3. O de financiador da guerra contra a independência da Indochina francesa, que culminou, mais tarde, em um conflito que durou dez anos.

CAPÍTULO 8 – REPÚBLICA DEMOCRÁTICA NO BRASIL

Esse capítulo aborda os governos democráticos brasileiros desde a renúncia de Vargas, incluindo seu último mandato, democraticamente eleito. São tratados temas importantes para a compreensão do período: a Constituição de 1946 e a garantia das eleições diretas para todas as esferas e o apoio à liberdade de pensamento; a influência dos valores culturais norte-americanos; o governo varguista e a criação de empresas estatais, do BNDES,

a continuação de sua política trabalhista e o desenrolar dos eventos que levaram ao suicídio de Vargas; o governo JK com a política desenvolvimentista e a construção de Brasília; o governo de Jânio; e o último governo democrático do período, o de João Goulart, com a explicação dos motivos que conduziram o país ao Golpe Militar de 1964.

Permeando todos esses governos estão as políticas econômicas baseadas no apoio à indústria de base, ao nacionalismo, ao desenvolvimentismo, tudo concorrendo para a modernização do Brasil. Um dos destaques do capítulo é a mudança no padrão de consumo ocorrida na década de 1950, relacionada à crescente influência da cultura norte-americana.

A Bossa Nova foi um movimento cultural surgido em fins da década de 1950. Artistas como João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Nara Leão, entre outros, projetaram esse estilo musical pelo país e para o exterior. A Bossa Nova influenciou os mais diversos gêneros musicais ao longo de muitas décadas, inclusive bandas estrangeiras.

Por sua importância, sugere-se que os alunos pesquisem o gênero e seus principais artistas, e apresentem em seminários os resultados. Se possível, estimule-os a usar recursos de projeção audiovisual na sala de aula, por exemplo, trechos dos festivais televisivos, de shows, entrevistas etc., ou equipamentos de som para reproduzir algumas das canções que mais lhes chamaram a atenção. A atividade propõe, portanto, o resgate cultural de nossa nação e a valorização de intérpretes, músicos e compositores antigos, demonstrando sua influência e importância para o cenário cultural brasileiro.

Resoluções das atividades

p. 166 – Documentos em análise

1. As imagens mostram produtos norte-americanos vendidos no Brasil no final da década de 1940, trazendo o modo de vida deles para nosso país.

2. Não. Hoje é comum ter produtos importados de diferentes lugares do mundo.
3. Resposta pessoal. Espera-se que o aluno perceba que ainda há muita influência na alimentação, no lazer (filmes, seriados, *video games*, músicas) e em outras áreas.

p. 169 – Documentos em análise

1. Depois de anos de domínio e espoliação por grupos econômicos e financeiros internacionais, ele foi chefe de uma revolução que o tornou presidente. Após instaurar o regime de liberdade social, teve de renunciar, mas acabou sendo eleito pelo povo.
2. Queixa-se de que algumas forças, que ele não nomeia, o impedem de realizar seu trabalho em favor do povo.
3. Segundo o conteúdo da carta, ele sempre resistiu às pressões e defendeu o povo brasileiro.
4. Significa que, com sua morte e com o que realizou em vida, ele será eternizado na memória popular. Professor, explique aos alunos que Getúlio Vargas é uma personalidade que ainda causa polêmica, pois alguns analisam sua longa passagem pelo governo de forma negativa (por ter sido um ditador etc.) e outros de modo positivo (porque ele era chamado o “pai dos pobres”, por ter estabelecido a legislação trabalhista; por ter introduzido o voto feminino etc.).

p. 171 – Documentos em análise

1. A imagem mostra JK fazendo uma magia para desenvolver a indústria automobilística. As prioridades do governo eram o plano de metas de desenvolvimento automobilístico e da malha rodoviária; ele deixava em segundo plano as questões sociais.

p. 173 – Diversificando linguagens

1. Começaram a abrir espaço no mercado de trabalho e a buscar mais escolaridade,

mas ainda havia muito preconceito, pois eram vistas apenas como donas de casa e mães.

2. Espera-se que os alunos respondam que muita coisa mudou, mas o preconceito ainda permanece, talvez não na mesma proporção.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos observem que as mulheres estão mais escolarizadas, ocupam os mesmos cargos que os homens no mercado de trabalho, também são chefes de família e têm os mesmos direitos políticos de qualquer outro cidadão.

p. 175 – Diversificando linguagens

1. Porque, ao mesmo tempo, adotou medidas conservadoras e liberais.
2. Negativa. As medidas causaram a articulação de partidos e parlamentares em prol da limitação das pretensões políticas de Jânio.

CAPÍTULO 9 – CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO

Conflito árabe-israelense

Nesse capítulo, a atenção se voltará aos conflitos contemporâneos entre israelenses e árabes.

Motivados por Lorde Balfour (1848-1930), os judeus afluíram para a palestina, ocupada por populações árabes. Com a divisão dos territórios palestinos entre judeus e árabes, depois da Segunda Guerra Mundial, a tensão entre eles aumentou gerando conflitos armados que marcaram a história da região pelos 30 anos seguintes. Portanto, após o estudo desse assunto, os alunos terão condições de compreender não só a gênese dos conflitos entre esses dois povos, mas as razões pelas quais ainda hoje israelenses e palestinos se atacam mutuamente; às vezes com consentimento dos respectivos governos, às vezes com ações geradas individualmente ou por pequenos grupos radicais.

Israelenses e árabes promovem, desde 1948, quando o Estado de Israel foi criado pela Organização das Nações Unidas (ONU), guerras, ataques militares e ações terroristas, muitas vezes atingindo a população civil. Entretanto, no Brasil, judeus e muçulmanos vivem, tradicionalmente, em paz. Não há conflitos armados nem hostilidades declaradas de um grupo contra outro.

Os alunos podem aproveitar a ocasião e visitar uma mesquita e uma sinagoga na cidade em que vivem. Você pode agendar uma visita previamente e solicitar que uma autoridade religiosa do local receba-os e explique a maneira como aquele grupo convive com a outra religião. Se não houver esses prédios na cidade onde os alunos moram, você pode solicitar uma pesquisa na internet, a ser realizada em duplas ou em trios, sobre a relação entre judeus e muçulmanos no Brasil, cujos resultados podem ser apresentados em um texto organizado em tópicos.

Conflito palestino-israelense

O tema relaciona os conflitos entre palestinos e israelenses em decorrência da expulsão de 1 milhão de palestinos depois que o Estado de Israel foi criado. Essas pessoas passaram a viver em campos de concentração, onde organizaram a luta contra Israel. Foi quando surgiu na cena política a figura de Yasser Arafat, líder da Al-Fatah, organização que defendia o terrorismo e a luta armada. Pouco tempo depois, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) foi fundada.

Com as Intifadas, a chamada causa palestina ganhou notoriedade mundial e passou a ser apoiada por setores da opinião pública mundial. Arafat, então, propôs a criação do Estado Palestino, com a mediação dos Estados Unidos. O projeto não foi plenamente alcançado e o conflito foi radicalizando-se nos dois lados, até ser declarada a Segunda Intifada em 2000. Ao longo de toda a década de 2000, os movimentos palestinos não entraram em acordo, e os diversos grupos, como a OLP, o Hamas, o Fatah, o Hezbollah e a Autoridade Nacional Palestina divergiam sobre os rumos a serem seguidos.

Guerra Civil Libanesa

A guerra civil no Líbano, que não teve caráter religioso, abrangeu outras nações, como Israel e Síria. Teve início em 1975 e só terminou em 2000, com a retirada das tropas israelenses do território libanês. Outro conflito estudado é a Revolução Iraniana, essa de caráter religioso. Ao pressionar o governo laico ditatorial de Reza Pahlevi, o Partido Islâmico Republicano foi conduzido ao poder, e o aiatolá Khomeini passou a ditar os rumos do país, que foi transformado em uma ditadura teocrática e fundamentalista.

Em 1979, depois que assumiu o poder no Iraque, Saddam Hussein ordenou a invasão ao Irã como resposta às tentativas de Khomeini de levar a revolução para seu país. Começava então a Guerra Irã-Iraque, com a intervenção dos Estados Unidos que, durante a guerra, apoiavam os iraquianos. Esse conflito perdurou até 1990, quando Saddam decidiu atacar o Kuwait a fim de controlar o petróleo daquele país, dando início à Guerra do Golfo. Em 1991, a Organização das Nações Unidas (ONU) autorizou o ataque ao Iraque, empreendido por Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética, entre outros países da região. Saddam, derrotado, permaneceu no poder até 2003, quando foi capturado em uma nova guerra.

O tema traz a oportunidade de os alunos estudarem um suporte gráfico não muito comum nos estudos de História, mas importante para análises quantitativas e comparativas: o gráfico de pizza. Nele, informações numéricas podem ser projetadas de forma a se perceber a dimensão da informação, bem como sua relativização. O gráfico da seção **Diversificando linguagens**, página 194, traz informações sobre a produção de petróleo no Oriente Médio no ano de 2010. Nele, fica evidente quem são os principais produtores da região, incluindo três países estudados detalhadamente ao longo do capítulo: Irã, Iraque e Kuwait.

Professor, você pode ampliar a atividade proposta no Livro do Aluno. Peça aos alunos que identifiquem os países que estão no gráfico e foram citados no texto. Não se

deve esquecer que a Síria também compõe o gráfico, apesar de sua reduzida participação na produção petrolífera. Em seguida, pergunte-lhes quais dos conflitos estudados não apresentou relação com o petróleo. Eles devem observar que apenas a participação da Síria no conflito no Líbano não teve relação com os interesses da indústria do petróleo. Depois, ajude-os a relacionar os conflitos Irã-Iraque e a Guerra do Golfo com os números apresentados no gráfico. Eles devem perceber que esses confrontos colocaram em risco metade da produção de petróleo do Oriente Médio, a mais importante região produtora do mundo.

Faça um debate com os alunos sobre a importância estratégica desses países na economia mundial, quais são os interesses em torno dessa questão, por que os Estados Unidos interferiram nos conflitos etc. Se julgar adequado, peça-lhes que assistam ao filme *Syriana* (direção: Stephen Gaghan, 2005), que narra os diversos interesses dos governos de alguns países e de grandes empresas.

Resoluções das atividades

p. 185 – Diversificando linguagens

1. Ainda no curso da Primeira Guerra Mundial.
2. Por que o fim da Primeira Guerra Mundial modificou o panorama territorial e a influência exercida pelos países europeus, o que impossibilitou sua influência em outros domínios.
3. A coexistência dos dois grupos em um pequeno território.

p. 192 – Diversificando linguagens

1. Sim. As estruturas do conflito se mantiveram, uma vez que as milícias do período se tornaram partidos da atualidade e seus líderes permanecem no poder.
2. Criar e tornar acessível à população um acervo que possibilite novas interpretações e um diálogo que permita ao povo líbio realmente encerrar o conflito.

p. 194 – Diversificando linguagens

1. Diversos tipos de combustíveis, como gasolina, diesel, combustível de aviação e gás de cozinha, além de lubrificantes, borracha, plástico, tecidos sintéticos, tintas e até mesmo energia elétrica.
2. Espera-se que o aluno perceba que a produção petrolífera nem sempre está relacionada à área dos países produtores. Países como Kuwait, Catar, Emirados Árabes, entre outros, possuem territórios muito reduzidos, mas têm expressiva produção petrolífera.
3. Para esses países é a maior riqueza, a que garante sua sobrevivência. Para o mundo, eles ainda são os maiores fornecedores e garantem petróleo para sobrevivência em vários níveis.

p. 195 – Diversificando linguagens

1. Ver as organizações islâmicas simplesmente como formações terroristas.
2. Corrupção no governo. Seus orçamentos estão entregues a gigantescos esquemas. O orçamento palestino, por exemplo, não tem quase nada voltado para a infraestrutura, mas dispõe de grandes somas para a burocracia.
3. As pessoas vão a mesquitas e escolas religiosas para conseguir um tipo de sustentação que não encontram em outros lugares.

CAPÍTULO 10 – BRASIL SOB DITADURA MILITAR

Esse capítulo retoma os estudos sobre o Brasil, concentrando-se na tomada do poder pelos militares e no período inicial do governo ditatorial. São tratados aspectos políticos, econômicos e culturais, todos permeados pelo clima de repressão que caracterizou tanto o governo brasileiro como o de seus vizinhos latino-americanos, que passaram pela mesma experiência de golpe militar.

Fica bem claro que, apesar da repressão violenta e do estado de vigília implantado pelos governantes, houve resistência. O capítulo traz três registros diferentes de movimentos contra os militares: a imprensa que, conforme se vê na imagem da *página 201*, demonstrava nitidamente ter sido alvo de censura; as charges, como a que ilustra a seção **Documentos em análise**, *página 201*, que criticavam abertamente o regime; e as manifestações culturais, como a música engajada e o Tropicalismo, que, por meio do teatro, da poesia, das artes plásticas, do cinema e da música impunham um movimento de contracultura.

Na década de 1960, o Exército atuou de forma política, tomando o poder do país com um golpe militar e submetendo a população a violenta repressão. Atualmente, o Exército está estruturado para proteger o território nacional e atua em algum caso específico de segurança pública quando é chamado pelo governo federal, o que ocorreu poucas vezes nas últimas décadas.

É importante destacar o papel de proteção exercido pelo Exército em eventos que reúnam um número expressivo de dignitários e governantes, como na Conferência Rio 92, ocorrida no Rio de Janeiro, em 1992. As visitas dos presidentes norte-americanos George W. Bush e Barack Obama, respectivamente em 2007 e 2011, também contaram com o auxílio das tropas do Exército; além disso, ele atua na luta contra o narcotráfico. Uma recente participação do Exército brasileiro foi durante a visita do papa ao país, no Rio de Janeiro, em 2013.

Portanto, esse é um momento para trabalhar a noção de mudança histórica. A mesma instituição teve funções distintas e agiu de maneiras completamente diferentes. Na década de 1960, foi responsável pela deposição do presidente em exercício, João Goulart, e pela instauração de medidas violentas e repressoras. Hoje, auxilia o Estado em determinadas situações. Converse com os alunos sobre essa mudança mostrando-lhes que cada contexto histórico traz as explicações para os posicionamentos. Pergunte-lhes o que eles acham de o Exército atuar na segurança pública e por que

o Exército precisa ser chamado para cumprir certas funções. A atividade também tem como objetivo levar os alunos a entender, por meio do diálogo, a necessidade de um país ter suas instituições fortalecidas e respaldadas pelo governo, de modo que não haja a necessidade de substituir as funções de uma instituição pelas de outra. Chame a atenção deles para o fato de que o Exército não tem como função original patrulhar cidades.

Anos de Chumbo

O AI-5, amparado pela repressão constante, deu ao governo de Médici a possibilidade de aprofundar a violência aos dissidentes do regime. A seção **Diversificando linguagens**, *página 213*, traz textos de Dom Paulo Evaristo Arns e de Fernando Gabeira informando sobre a tortura no Regime Militar.

Na esfera econômica, apesar das taxas robustas de crescimento do país, a desigualdade aumentou e setores essenciais do serviço público foram praticamente abandonados. Ao mesmo tempo, o governo ampliou investimentos na propaganda, transmitindo imagens ufanistas.

Ainda assim, a população mobilizou-se contra o Regime Militar, fosse por meios pacíficos, como a Passeata dos Cem Mil, fosse pela luta armada, com a organização de grupos de guerrilha.

A tortura é uma das formas mais vis de se conseguir algo. Expediente largamente utilizado por governos autoritários, essa prática é intollerável nos regimes democráticos, nos quais vigoram leis de proteção ao cidadão e julgamentos que o condenem ou o absolvam das acusações. A Constituição Federal de 1988 cita duas vezes o termo tortura: no Art. 5º, inciso III, Capítulo I, "Dos direitos e deveres individuais e coletivos", e no inciso XLIII do mesmo artigo. Como na segunda citação a tortura é considerada um crime inafiançável e a proíbe. Isso é o suficiente para desqualificar essa prática e torná-la uma transgressão passível das mais severas punições.

Nos últimos anos, a Comissão Parlamentar da Verdade, Memória e Justiça tem atuado

com o objetivo de identificar e punir os envolvidos em torturas, assassinatos e sequestros de dissidentes do Regime Militar. Professor, você pode, então, orientar uma pesquisa sobre essa comissão e indicar o endereço <www.portalmemoriasreveladas.arquivonacional.gov.br> como ponto inicial da reflexão sobre os direitos humanos, o papel do Estado como garantidor da integridade física e moral dos indivíduos etc.

Resoluções das atividades

p. 201 – Documentos em análise

1. A charge representa o autoritarismo nos órgãos de repressão.
2. A liberdade.

p. 203 – Diversificando linguagens

1. Tanto a liberdade de expressão como a de imprensa foram cerceadas. A imprensa sofria censura diária nos mais variados assuntos; pessoas com opiniões contrárias ao governo eram perseguidas. Pode-se afirmar que foi instaurado um regime repressivo, pois as liberdades foram suprimidas e a repressão era violenta. Foi instaurado um regime de terror, porque as perseguições políticas envolviam exílio, tortura e morte.
2. Não. Com a imprensa censurada, a população não tinha acesso aos acontecimentos da época.
3. Publicavam receitas culinárias incompletas ou impossíveis de ser concretizadas no lugar das matérias censuradas.

p. 211 – Diversificando linguagens

1. Não. O jornal era contrário e usava suas páginas para denunciar a Ditadura Militar.
2. Referem-se à falta de liberdade de expressão, ao desaparecimento de pessoas contrárias ao regime e à obediência que todos deviam aos generais, portanto, referem-se à organização repressiva do Regime Militar.

3. A censura não permitia qualquer manifestação contrária ao Regime Militar.

p. 213 – Diversificando linguagens

1. Sim. Como afirmado no documento 1, práticas como a tortura receberam condenação de diversos países, entre eles o Brasil. Entretanto, como mostram os textos, essas práticas ganharam legitimidade e vigoraram durante o Regime Militar.
2. A tortura era um instrumento utilizado pelas polícias políticas da Ditadura Militar para obter informações que pudessem auxiliar na repressão dos movimentos opositores ao regime.
3. Descreve as práticas usadas pelos torturadores, como a de tapar os relógios e, assim, mostrar ao torturado sua dominação.

CAPÍTULO 11 – NACIONALISMO E POPULISMO NA AMÉRICA LATINA

O capítulo começa afirmando as dificuldades enfrentadas pelos países do continente para se livrar dos conflitos e das influências externas, sobretudo dos Estados Unidos. Internamente, as dificuldades advindas do monopólio do poder político exercido pelas oligarquias exacerbavam as diferenças sociais e abriam espaço para governos populistas, como os do Brasil e da Argentina.

Segue-se a sucessão de governos na Argentina, desde Hipólito Yrigoyen, ainda na década de 1910, passa pelo governo peronista e pelos golpes militares, até a ascensão ao poder do presidente Raúl Alfonsín, em 1983, e o retorno do país à democracia. A experiência socialista chilena, caso único no continente, também é tema do capítulo e está inserida no estudo da sucessão dos governos chilenos até a queda do general Pinochet, em 1988.

Em comum, esses dois casos mostram a presença e a interferência dos Estados Unidos, motivados por interesses econômicos, nos golpes militares. A Revolução Cubana

também é tratada, em razão de sua influência no pensamento político da segunda metade do século XX, da mitificação de Che Guevara e do embargo econômico a Cuba, que dura até hoje.

O continente latino-americano foi assolado por golpes, regimes de governos militares e ditaduras individuais durante boa parte do século XX. Essa instabilidade política dificultou o desenvolvimento econômico, social e político da maioria dos países, concorrendo ainda mais para a manutenção da influência externa e das profundas desigualdades sociais apresentadas no capítulo. O mapa da *página 217* mostra esses eventos de forma direta e clara, podendo servir de base para a localização de informações e para uma análise comparativa entre os governos citados no texto com o de outros países.

Professor, você pode trabalhar esse mapa com os alunos atentando para as datas representadas nos quadros relativos a cada país. Algumas perguntas podem ser feitas, por exemplo: Quais países não tiveram ditaduras particulares? Qual deles teve mais ditaduras e por mais tempo? Em quais países não houve Regime Militar? Qual deles teve o maior número de golpes militares bem-sucedidos? Qual nação teve menos governos democráticos?

Resoluções das atividades

p. 221 – Diversificando linguagens

1. Como um fenômeno cultural, em razão da grande influência que ainda exerce na política Argentina.
2. O de representante da relação entre o governo e o povo, imagem que se consolidou por causa de seu carisma e dos trabalhos de assistência social que realizava.
3. A grave crise econômica por que passa a Argentina atualmente.

p. 224 – Diversificando linguagens

1. De acordo com o autor, a ditadura de Pinochet não foi branda.

2. Pinochet utilizou as práticas de tortura e assassinato para se livrar da oposição e garantir o controle ditatorial.
3. Saldo de 28 mil torturados e pelo menos 3 178 executados ou desaparecidos.

p. 228 – Documentos em análise

1. Fidel critica o imperialismo dos Estados Unidos e o desrespeito desse país às várias nações latino-americanas, citadas no discurso.
2. Justifica o conflito como reação à opressão estadunidense sobre os povos da América e luta pela conquista da liberdade.
3. Fidel afirma que o povo também partilhava dessas ideias e acompanhava os revolucionários na luta contra a opressão.
4. Foram os líderes da independência de vários países da América. Fidel citou-os porque eram libertários e estariam sendo traídos, pois os países estavam se deixando dominar pelos Estados Unidos.

p. 238 e 239 – Bagagem cultural

Revolta da Vacina

Em forma de infográfico, essa seção tem o objetivo de integrar a disciplina de História com a de Ciências, possibilitando assim o entendimento dos fatores biológicos e sociais envolvidos na eclosão da Revolta da Vacina, uma das manifestações populares que mais marcou o Brasil no início do século XX.

UNIDADE 3

Rumo ao Terceiro Milênio

CAPÍTULO 12 – CRISE MUNDIAL E O FIM DO BLOCO SOCIALISTA

A Unidade 3 começa com a análise da crise que se abateu na década de 1970 sobre o mundo capitalista, em contraste com a bonança econômica observada desde o fim da Segunda Guerra Mundial até 1973, ano do agravamento da crise financeira dos Estados Unidos, da crise do petróleo e da recessão econômica nos países da América Latina, África e Ásia. Desse conjunto de crises emergiu o neoliberalismo, adotado especialmente pelos Estados Unidos e pela Inglaterra.

Na década de 1980, houve a militarização dos Estados Unidos e o aumento da interferência desse país em diversos países do mundo, levando a um recrudescimento nas relações com a União Soviética, que só viriam a ser retomadas com as tentativas de abertura política feitas por Mikhail Gorbachev.

São analisados os governos republicanos e democratas norte-americanos desde a década de 1970 até a eleição de Barack Obama.

Barack Obama foi eleito em 2009 para ocupar a Presidência dos Estados Unidos em meio a uma das maiores crises econômicas da história. Havia também um desejo de renovação no país, saturado pelo governo Bush e sua proclamação Guerra ao Terror, que levou a conflitos armados, consumindo parte considerável das reservas monetárias norte-americanas.

Com o *slogan* *Yes, we can* ("Sim, nós podemos"), Obama demonstrava ser o candidato capaz de solucionar os problemas causados pelo governo republicano que o antecedeu, de retirar as tropas do Afeganistão e do Iraque e de encontrar uma saída para a crise econômica internacional, que destruiu milhões de postos de trabalho no país.

Professor, você pode orientar os alunos na pesquisa dos resultados obtidos pela gestão de

Obama com relação aos tópicos mais importantes da política externa norte-americana (as guerras do Afeganistão e do Iraque), bem como da economia do país.

Organize a classe em grupos, para que cada equipe pesquise um tema específico a ser apresentado em seminário. Notícias de jornais e de revistas semanais de informação, textos de especialistas, entre outros suportes, podem servir de base para a pesquisa. Os alunos devem comparar as promessas de Obama com os resultados obtidos por ele: Em quais setores ele conseguiu cumprir suas promessas? Em quais ele falhou? Por quê? Aproveite para conduzir os alunos também à reflexão sobre as campanhas eleitorais e o uso da propaganda política.

O fim do bloco socialista

Perdendo progressivamente a produtividade, a União Soviética ficou para trás, em comparação com os países capitalistas, e perdeu posição no mercado internacional. Sem mudanças estruturais que invertissem o rumo do declínio econômico, os governantes sucediam-se até a chegada de Gorbachev ao poder. A *glasnost* e a *perestroika* fizeram parte do esforço de reestruturação do país, bem-sucedido externamente, mas fracassado internamente.

Enquanto isso, os países do Leste Europeu foram estimulados pelo líder soviético a promover reformas que, lentamente, levaram o bloco soviético ao desmantelamento. O texto faz uma análise do que aconteceu com a Rússia depois do fim da União Soviética, incluindo os recentes governos de Putin e de Medvedev.

Diversos países do bloco socialista começaram a romper com a União Soviética, entre eles, a Alemanha Oriental. O marco simbólico do fim do socialismo foi a Queda do Muro de Berlim. Além disso, a Iugoslávia, com a guerra civil, opôs as repúblicas que compunham o país.

O Muro de Berlim foi um dos símbolos mais conhecidos, se não o mais importante, do socialismo. Dividindo uma das cidades mais influentes da Europa, do país mais rico do continente, ele representava a divisão do mundo entre capitalistas e socialistas.

Professor, em virtude da relevância da Queda do Muro de Berlim, seria uma possibilidade orientar os alunos na criação de um jornal sobre o assunto. Os artigos devem conter as informações mais importantes, desde a construção até a derrubada do muro. Eles farão a composição dos textos, escolherão as imagens e farão a diagramação das páginas, como se estivessem fazendo a cobertura jornalística do evento. O professor de Língua Portuguesa pode ajudar na adequação da linguagem, que deve respeitar os padrões jornalísticos de edição. No final, os alunos podem afixar o jornal em um mural e inserir a versão digitalizada no *site* da escola, se houver. Ou podem criar um *blog* ou algo parecido, no qual possam publicar digitalmente o conteúdo da pesquisa.

Resoluções das atividades

p. 244 – Diversificando linguagens

1. Entre as causas está o aumento do preço do petróleo. Como consequências, podemos destacar: desemprego, inflação, inquietação, angústia, diminuição do crescimento etc.
2. A alta nos preços do petróleo ocasionada pela guerra aumentou os gastos dos países, contribuindo para a diminuição das receitas.

p. 247 – Diversificando linguagens

1. A aparente invulnerabilidade do país desapareceu com os ataques terroristas e provou que os Estados Unidos não estavam imunes a situações como essa.
2. Sim. Os ataques de 11 de setembro foram totalmente imprevisíveis, portanto entendia-se que o país era vulnerável a várias outras ameaças, como armas químicas e biológicas.

p. 251 – Documentos em análise

1. Segundo Gorbatchev, a proteção social é um benefício, pois garante o mínimo necessário para a sobrevivência dos cidadãos, mas faz de algumas pessoas para-

sitas, pois não há cobrança de eficiência e necessidade de crescimento pessoal, características do individualismo do sistema capitalista.

2. Para ele, o socialismo traz algumas contradições difíceis de ser resolvidas, como o abuso desses benefícios por pessoas desonestas. Assim, algumas trabalham mal ou esquivam-se do trabalho.

p. 254 – Diversificando linguagens

1. A transição rápida do sistema socialista para o capitalista. Não foi bem-sucedida, pois o choque capitalista gerou desemprego, miséria, criminalidade e muita corrupção.
2. Foram adotadas medidas mais condizentes com a realidade russa.
3. Significa que a história não muda tão rapidamente e que as mudanças precisam de ajustes para que se efetivem. Isso vale para outros contextos de mudança. De modo geral, é necessário tempo para concretizar as inovações.

CAPÍTULO 13 – O BRASIL DA ABERTURA POLÍTICA

O Regime Militar chegava ao fim. O processo de transição democrática do país iniciou-se com a eleição de Geisel. Entre os fatores internos, colaboraram a alta da inflação, a queda na geração de riquezas, a crescente dívida externa, a queda no poder de compra e a redução do crédito para consumo. Mesmo o governo propondo a abertura política e punindo os casos de abuso de poder, a repressão se manteve.

Avanços democráticos foram obtidos, especialmente no ano de 1978, indicando o fim dos governos antidemocráticos. Assim, o governo de Figueiredo completou a transição e encerrou o Regime Militar, fase que culminou com as Diretas Já e a eleição de Tancredo Neves para a Presidência. Findava-se um ciclo e começava outro, o da redemocratização, que traria novos desafios aos futuros governantes.

O movimento das Diretas Já foi um dos acontecimentos populares mais amplos já observados em nossa história. O clamor pelo fim do governo ditatorial e pela representação política da população levou milhões de pessoas às ruas para protestar contra o Regime Militar.

Os alunos podem compor um painel com fotografias dos eventos que marcaram o movimento das Diretas Já e legendas explicativas em cada imagem. Oriente-os a escrever as legendas, de modo que contenham a data, fotógrafo que realizou o registro, tipo de informação etc.

Resoluções das atividades

p. 262 – Documentos em análise

1. Anistia significa perdão concedido por ato do poder público, especialmente por delitos políticos.
2. Para Geisel, a abertura deveria ser lenta e gradual, portanto, fazendo concessões e abrindo o regime passo a passo.
3. Resposta pessoal. Espera-se que o aluno não concorde, pois o presidente deve governar de acordo com a lei e visando ao bem de toda a sociedade.

p. 266 e 267 – Diversificando linguagens

1. Foi uma campanha de mobilização popular em prol das eleições diretas para presidente da República. Foi a maior mobilização popular da história do país, se medida pelo número de pessoas que saíram às ruas nas capitais e nas maiores cidades brasileiras.
2. Porque o regime já estava em processo de abertura e houve ampla cobertura da imprensa; para impedi-la seria necessário o uso de muita violência, o que seria visto por todos.
3. O hino e a bandeira foram usados para representar a busca dessa mudança num ato de recuperação do nacionalismo e de um Brasil para todos.

4. A eleição de Tancredo Neves. Representa a volta da democracia, o fim da Ditadura Militar.
5. Representavam alívio pelo fim da Ditadura, vitória do povo pela eleição de um civil, alegria pelo momento de grande mudança histórica.

CAPÍTULO 14 – A REDEMOCRATIZAÇÃO NO BRASIL

A eleição de Tancredo Neves inaugurou uma nova fase na História do Brasil, chamada de Nova República. Essa fase foi marcada pelo retorno à democracia, por graves problemas econômicos e financeiros, pela luta contra a inflação alta e por uma nova Constituição, que ampliava os direitos dos cidadãos brasileiros.

Em 1988, os deputados eleitos para o Congresso Nacional promulgaram a Constituição Federal, em voga até hoje. O texto atual é o texto original acrescido de emendas constitucionais e de algumas revisões. Professor, você pode propor aos alunos que estudem os mecanismos de atualização do texto constitucional. Pode organizá-los em duplas, para que escrevam um texto que deve conter os seguintes temas:

- o que são emendas constitucionais; quem pode propô-las;
- como as emendas são aprovadas;
- o que não se pode mudar na Constituição;
- quais são os objetivos dessas atualizações.

O governo Collor

Fernando Collor de Mello assumiu o governo em meio ao sentimento popular de renovação. Ele era um novo nome, que substituiria os políticos que havia muito dominavam a cena política nacional. Entretanto, seu governo foi minado pela corrupção. Pressionado pela opinião pública, algo inédito aconteceu: ele foi deposto pelo Congresso Nacional, em um processo denominado *impeachment*.

Os governos seguintes concentraram seus esforços na estabilização econômica do país, cujo símbolo foi o Plano Real, que ajudou a eleger Fernando Henrique Cardoso, o primeiro presidente a ser eleito duas vezes consecutivas. O capítulo traz informações sobre os principais aspectos de cada um dos governos da década de 1990.

O Plano Real foi fundamental para a consolidação do Brasil como uma das grandes potências emergentes do mundo. Depois de diversos pacotes econômicos fracassados, o governo de Itamar Franco levou adiante, em 1993, uma reforma econômica profunda, que visava ao controle da inflação e à criação de uma nova moeda. No ano seguinte, o Plano Real foi lançado. Como resultado da estabilização da economia, outras medidas foram adotadas, sempre visando ao crescimento sustentável e à manutenção das baixas taxas de inflação.

Os alunos podem fazer uma análise comparativa do Plano Real com os pacotes econômicos anteriores. Eles podem pesquisar dados econômicos, como os números da inflação e as taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) nos períodos posteriores aos outros pacotes econômicos e os que se seguiram ao Plano Real. Os dados devem ser apresentados na forma de tabela.

Resoluções das atividades

p. 274 – Diversificando linguagens

1. Porque ele representava o sistema político da Ditadura Militar.
2. Como vivemos numa república constitucional, a lei maior é a Constituição e, portanto, era necessária uma nova lei para sobrepor-se às anteriores, que eram anti-democráticas e autoritárias.

3. Significa que pela primeira vez na história a maioria do povo brasileiro tinha direito ao voto.

p. 275 – Documentos em análise

1. À Assembleia Constituinte, eleita em 1986.

2. A Bandeira do Brasil. Faz alusão à construção de um novo Brasil pelo povo, por meio de uma nova Constituição.

p. 278 – Diversificando linguagens

1. A lição do que não deve ser feito no que se refere a governo.
2. A afirmação faz sentido quando pensamos na esperança dos aliados do governo Collor em obter prestígio e destaque político com a abertura econômica do país, objetivos que não foram alcançados por causa da crise que ocorreu no Brasil quando essas políticas foram adotadas.

p. 280 – Diversificando linguagens

1. Sim. O avanço na baixa dos preços foi de aproximadamente 332%.
2. Não. Apesar de os preços não sofrerem grandes alterações em pouco tempo, como antes do Plano Real, ao longo dos anos foram aumentando.
3. Os combustíveis, a moradia, os serviços de comunicação, entre outros.

p. 282 – Documentos em análise

1. O assunto é a reeleição.
2. Em seu primeiro governo, FHC teve como uma das prioridades a aprovação da emenda da reeleição, o que muitos consideraram negativo, porque o fez deixar de lado problemas mais relevantes para a população brasileira.
3. Espera-se que o aluno se posicione favorável ou contrário à reeleição e justifique sua opção com argumentos.

p. 283 – Diversificando linguagens

1. Eles possibilitaram o acesso da população aos medicamentos por um valor muito mais em conta do que as marcas tradicionais.
2. Foi um movimento de democratização porque possibilitou e difundiu o consumo de medicamentos que eram muito mais caros.

CAPÍTULO 15 – NOVOS RUMOS DA AMÉRICA LATINA

Ao analisar o continente latino-americano no conjunto, o capítulo apresenta um panorama mais amplo dos países que o constituem. Das várias dificuldades enfrentadas pelos governos durante a década de 1980 às práticas neoliberais dos anos 1990, cujos resultados diferiram de um país para outro, passando, ainda, pelas crises políticas, chega-se ao século XXI com avanços econômicos, a despeito da crise de 2008.

O texto ressalta a crescente integração econômica dos países latino-americanos, mas também aponta a persistência de certos problemas que dificultam o crescimento do bloco. Para finalizar, observa-se a mudança política ocorrida em muitos países, chamada no texto de “onda esquerdizante”. Enfatiza-se, com muita pertinência, a dificuldade de rotular os governos atuais do continente de direita ou de esquerda, em razão das diferenças entre essas duas definições.

Os governos de Hugo Chávez, na Venezuela, e de Cristina Kirchner, na Argentina, chamaram a atenção do noticiário político brasileiro por causa de suas medidas polêmicas. No primeiro caso, a censura imposta aos meios de comunicação que se opõem ao governo e a violência a seus opositores; no segundo, a mesma tentativa de censurar as vozes contrárias à presidente e a falsificação de dados sobre a economia nacional.

Professor, você pode oferecer aos alunos a oportunidade de pesquisar como a mídia brasileira trata dessas questões (censura à mídia, com repressão e dados falsos da economia); quais são os veículos que as defendem e quais são os que as condenam. Utilizando a internet, eles podem pesquisar nos *sites* dos principais jornais desses países como se dá a cobertura jornalística desses assuntos. Com essa atividade, os alunos poderão perceber que os fatos podem ser apresentados de formas completamente opostas, e, portanto, eles precisam aguçar o senso crítico para

saber interpretá-los e distinguir os interesses ocultos na informação transmitida por cada meio de comunicação.

Resoluções das atividades

p. 291 – Diversificando linguagens

1. De acordo com o texto, a previsão de crescimento econômico é de cerca de 3,9% em 2013 e 4,4% em 2014.
2. Melhor, levando em conta a desaceleração ocorrida em 2012.
3. A queda do setor exportador e dos preços das matérias-primas não alimentícias ocorrida em 2012.

p. 293 – Diversificando linguagens

1. Professor, o objetivo dessa atividade é que o aluno perceba que a partir do final da década de 1990 há a retomada do crescimento econômico na região.
2. A América Central.
3. No Cone Sul.
4. As reformas realizadas nas regiões abordadas pelos gráficos tiveram cunho econômico e estrutural. A maior parte delas seguiu o modelo neoliberal de reforma, influenciando, dessa maneira, os marcadores sociais, tais como taxa de desemprego, índice de pobreza e PIB *per capita*.

p. 295 – Diversificando linguagens

1. Após a Guerra Fria, com o intuito de saldarem suas dívidas externas.
2. O fracasso das políticas neoliberalistas, que culminaram no aumento das desigualdades sociais.
3. As eleições de Evo Morales, na Bolívia, e de Michelle Bachelet, no Chile.

UNIDADE 4

O mundo contemporâneo

CAPÍTULO 16 – GLOBALIZAÇÃO

O capítulo traz uma análise histórica da globalização, comentando as civilizações do passado que conseguiram integrar regiões do mundo. Ao longo da análise, fica claro que o grau de conexão mundial veio se acentuando com o passar dos séculos, até atingir os níveis atuais.

A globalização envolve não apenas a economia mas também a cultura. O desenvolvimento tecnológico, como o da internet, que mereceu um estudo mais detalhado, causou grande impacto no cotidiano de uma parte considerável de pessoas em todo o mundo, influenciando no modo de consumo e nos valores culturais dos povos.

A formação dos blocos econômicos é outro dos aspectos do mundo globalizado abordado no capítulo. Propomos um balanço da globalização e apresentamos aos alunos os problemas criados por ela, de modo que eles possam refletir sobre o próprio mundo em que vivem.

A globalização fomentou o fluxo mundial de mercadorias e de bens culturais. Até meados do século XX, a produção cultural demorava a se espalhar e se tornar conhecida; com a globalização e o advento da internet, tornou-se muito mais fácil conhecer o que se produz em outros países.

Solicite aos alunos que procurem em seus aparelhos eletrônicos os arquivos musicais que eles contêm. Faça um rápido levantamento com relação à origem das bandas de que eles mais gostam, estrangeiras ou nacionais. A atividade pode funcionar como ponto de partida para que eles discutam a relação entre cultura, globalização, regionalismo, meios de divulgação, o novo e o velho etc.

A ciranda financeira

O estudo da crise de 2008 é antecedido pela menção às crises do final da década de 1990 e seus desdobramentos mundiais. Problemas

no mercado imobiliário dos Estados Unidos em 2007 alastraram-se por todo o mundo, causando a crise generalizada no ano seguinte. Um dos resultados da incapacidade de os países mais ricos a solucionar foi o aumento da influência de outros países, sobretudo os emergentes na economia, como o Brasil. Nosso país não sofreu tanto impacto como os outros, mas isso não significa que estamos imunes a ela, pois ainda vivemos sob seus efeitos e até o momento ninguém arrisca afirmar quando a crise, que começou em 2007, será superada.

Um dos principais problemas apontados por especialistas para a crise de 2008 foi a desregulamentação dos governos, em especial o dos Estados Unidos, com relação às atividades financeiras dos agentes econômicos. Bancos, corretoras, fundos de investimento, todos eles atuaram de forma muito livre, sem a fiscalização de agências governamentais. Essa liberdade, para muitos, flertou com a promiscuidade econômica e levou a decisões arriscadas demais, até mesmo ilegais.

Outro fator que contribuiu para a crise foi a atitude desmedida da população, ávida por consumir. Indo além do que podiam comprar, as pessoas endividaram-se em níveis alarmantes. Essa é, portanto, uma oportunidade de trabalhar a ideia de consumo responsável, tanto no que se refere aos aspectos ambientais como aos financeiros. Professor, você pode conversar com os alunos e abordar assuntos relacionados, como o consumismo, a valorização excessiva da imagem e da aparência etc.

Resoluções das atividades

p. 307 – Diversificando linguagens

1. Há vários tipos de globalização, algumas semelhantes.
2. O mundo mudou, pois os descobrimentos não permitiam mais que as civilizações vivessem divididas, sem contato umas com as outras. As diferentes civilizações passaram gradativamente a se integrar a um processo que transformou o mundo contemporâneo em globalizado.

p. 309 – Diversificando linguagens

1. A integração da economia mundial, aspectos geopolíticos e objetivos nacionais.
2. Ao interesse das empresas multinacionais em favorecer a liberalização do mercado mundial de consumo.

p. 311 – Documentos em análise

1. A charge 1 mostra uma família de mendigos pedindo dinheiro em uma grande cidade. A charge 2 traz um mapa-múndi dividido pela situação econômica de cada região. Professor, se possível, faça uma análise aprofundada de cada imagem atentando para os detalhes, por exemplo, a definição dos oceanos dada pelo cartunista.
2. A charge 1 ironiza o contraste entre a miséria e a tecnologia, no caso a comunicação, mostrando que, apesar do crescente desenvolvimento tecnológico que facilitou a vida de muitas pessoas, a situação dos miseráveis continua a mesma.
3. A charge 2 mostra uma divisão desproporcional do mundo, classificada pela desigualdade econômica, que é uma das mazelas da globalização.
4. Ambas as charges tratam da globalização mostrando diferentes perspectivas do mesmo fenômeno: a exclusão e a pobreza, que contrastam com um mundo cada vez mais globalizado, mais interdependente.

p. 315 – Diversificando linguagens

1. Eles questionam qual país assumiria o papel de economia dominante após a crise financeira mundial.
2. Com novas formas de cooperação e união mundial.
3. Que não está mais centralizado em uma ou duas potências, e sim em várias.

p. 317 – Diversificando linguagens

1. Os Estados Unidos vêm se recuperando em velocidade moderada.
2. Apesar da baixa velocidade, o cenário é

positivo, de crescimento econômico, aumento no comércio de imóveis e estabilidade nos níveis de desemprego.

3. A implantação de um novo pacote econômico e a contenção de gastos, promovidas pelo governo de Barack Obama.

CAPÍTULO 17 – OS CONFLITOS ATUAIS

A tendência com a globalização é, em teoria, a estabilização dos conflitos armados no mundo. Investidores internacionais exigem proteção a seus capitais, de modo que maximize os lucros. Regiões abaladas por guerras e conflitos oferecem muito mais riscos ao investimento do que países onde a paz prospera e as pessoas estão dispostas a consumir. Contudo, em muitas regiões do planeta, os conflitos armados vicejam, mesmo limitados às fronteiras nacionais. Assim, o texto ressalta que alguns setores da economia, e até mesmo países fabricantes de armas, como os Estados Unidos, obtêm lucros vultosos com os conflitos armados.

A tecnologia estabeleceu diferenças entre os conflitos do século XXI e os do século anterior; a precisão das armas e a guerra à distância mudaram a natureza dos combates. Outro aspecto a considerar é que as armas de destruição em massa podem chegar às mãos de grupos terroristas, além de ser usadas como elemento de pressão diplomática entre países. O papel da mídia na cobertura das guerras também é analisado.

Os conflitos armados da segunda metade do século XX e os do século XXI foram e têm sido amplamente divulgados pela mídia. Contando com o desenvolvimento tecnológico, que possibilitou a criação de aparelhos com imagem, som, praticidade de locomoção e transmissão cada vez melhores, os correspondentes de guerra e os enviados especiais de todos os principais meios de comunicação do mundo têm conseguido obter mais informações e imagens e enviá-las rapidamente, muitas vezes ao vivo.

Os alunos podem, então, pesquisar imagens e matérias jornalísticas relativas aos conflitos

recentes da humanidade. Professor, peça aos alunos que pesquisem na internet alguns desses conflitos e como eles foram apresentados ao mundo pela mídia.

Fundamentalismo

Desde os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, o mundo vive um clima de constante ameaça. O texto lembra, contudo, que os atos perpetrados por terroristas islâmicos já haviam se espalhado para além do Oriente Médio logo após a Guerra do Golfo, em 1991. O capítulo explica o termo **fundamentalismo**, detém-se no Afeganistão, berço do Talibã e onde surgiu Osama bin Laden, um dos fundadores da Al Qaeda, grupo terrorista que arquitetou os ataques aos Estados Unidos. Em resposta a esses ataques, o governo de George W. Bush proclamou sua Guerra ao Terror, resultando nas invasões ao Afeganistão e ao Iraque.

Na sequência, estudam-se os eventos que, desde janeiro de 2011, vêm se alastrando por diversos países árabes. Chamada de Primavera Árabe, essas revoltas são motivadas por diversos fatores, tendo em comum a busca por liberdade. A geração que nasceu ao longo da década de 1990, e as seguintes, já vivenciou um mundo conectado pela internet. Os computadores, telefones celulares, a internet e as redes sociais fazem parte da realidade desses jovens. Tendo em vista a era digital, vivenciada por muitos dos alunos, você pode propor uma atividade na qual eles utilizarão apenas esses meios de comunicação. Como exemplo, pode-se sugerir a organização de um evento imaginário contra a corrupção no Brasil. As reuniões em grupo deverão ser marcadas pelas redes sociais, pelo envio de mensagens de texto para celulares ou por *e-mail*. A divulgação do evento escolhido (um *show* musical, uma peça de teatro, uma *flash mob*, uma passeata etc.) deverá ser feita apenas pela internet ou por telefones celulares. A preparação de cartazes, folhinhos, *flyers*, textos de apresentação, ou qualquer outra forma de propaganda que se considere necessária, deverá ser feita por programas de computadores.

Caso a realidade dos alunos não possibilite esse tipo de atividade, a ocasião torna-se pro-

pícia para se discutir a inclusão/exclusão digital. Discuta com eles os motivos que levam parcelas da população a permanecer excluídas do mundo digital. Converse sobre a importância de se ter acesso à internet; quais são os benefícios que a internet promove e conduza-os a refletir sobre as maneiras de se superar essa exclusão.

Resoluções das atividades

p. 323 – Diversificando linguagens

1. É o cenário de nuvens de radioatividade que provocaria o bloqueio da luz solar.
2. A redução da fotossíntese e a extinção da vida no planeta.

p. 325 – Diversificando linguagens

1. Se houve ou não golpe de Estado no Egito.
2. Enquanto a Irmandade Muçulmana defende que houve golpe de Estado, o embaixador defende que não houve.
3. A mídia se posiciona a respeito dos conflitos e notícias divulgados por meio da defesa de uma das versões dos fatos tratados. Neste caso, foi importante a divulgação de informações sobre o conflito, que circularam pelo mundo, proporcionando às pessoas a compreensão do fato e a análise das distintas opiniões a respeito dele.

p. 329 – Diversificando linguagens

1. É o termo utilizado para se referir à interpretação literal dos livros sagrados, e está presente entre seguidores de diversas religiões.
2. O termo surgiu no começo do século XX nos EUA, quando protestantes determinaram que a fé cristã exigia acreditar em tudo o que está escrito na Bíblia.
3. O de que todo fundamentalista é muçulmano e terrorista e o de que todos são adeptos da violência.

p. 332 – Diversificando linguagens

1. Espera-se que os alunos percebam que o terrorismo de grupos como a Al Qaeda

e outros são armas de luta contra um inimigo para defender suas convicções fundamentalistas. Não se classifica diretamente em nenhuma das categorias, mas de certa forma é revolucionário, pois pretende mudar estruturas, embora também seja nacionalista, porque alguns grupos defendem a formação de um Estado fundamentalista islâmico.

2. Sim. Terrorismo de Estado, pois usam subterfúgios para atacar outras nações também de forma violenta e com terror.
3. A mídia pode fazer o papel de divulgador do terrorismo, pois coloca em evidência e noticia as ações dos grupos terroristas. Por outro lado, pode causar comoção e fazer propaganda antiterror. Dependendo de como apresenta os fatos, a mídia pode levar as pessoas a se posicionar favorável ou contrariamente a qualquer questão.

p. 334 – Diversificando linguagens

1. A ativista mostra que a Primavera Árabe está obtendo os resultados desejados, derrubando ditadores de vários países.
2. Porque sua luta é pela paz e pela liberdade em seu país.

CAPÍTULO 18 – ÁFRICA: UM CONTINENTE DE DESAFIOS

O capítulo colabora para desfazer a ideia de que o continente africano seria homogêneo. As primeiras páginas dedicam-se a mostrar as diferenças entre as distintas partes do continente, auxiliando os alunos a perceber a riqueza cultural da África.

A cultura também é analisada de maneira que evite a generalização. Assim, cada segmento da produção artística é estudado separadamente: música, cinema, literatura e artes plásticas. No conjunto, essas expressões formam uma estrutura de resgate cultural e de valorização da diversidade, configurando a africanidade.

Entre esses dois assuntos, o texto faz a análise da formação das nações africanas, apon-

tando as dificuldades econômicas, políticas e sociais. No limite desses problemas vivem as populações de refugiados, vítimas das guerras, das ditaduras e de condições climáticas adversas.

Tradicionalmente relegadas a segundo plano, as relações comerciais entre o Brasil e os países africanos foram aprofundadas durante o governo Lula. Essa decisão foi motivo de muita crítica de setores da sociedade que consideram mais importante e proveitoso para o país manter e estender relações de comércio com a Europa, os Estados Unidos e a Ásia, enquanto outros viam nessa relação uma alternativa à diminuição da participação do país no mercado internacional de bens e serviços.

Professor, como essa questão apresenta dois lados bem definidos, você pode orientar a turma a preparar um debate. Organize os alunos em dois grupos. Um aluno de cada grupo será escolhido para ser o debatedor, mas todos devem trabalhar no levantamento de dados e ajudar a elaborar os argumentos que serão apresentados. Você pode atuar como mediador do debate, colocando as questões, controlando o tempo de exposição e julgando a qualidade dos argumentos apresentados.

Resoluções das atividades

p. 341 – Diversificando linguagens

1. Não. Essas imagens representam alguns recortes, mas a África é um continente imenso e repleto de diversidades, não podendo ser representada apenas por algumas paisagens.
2. Resposta pessoal. Espera-se que o aluno perceba que para mudar a visão estereotipada é preciso conhecer melhor a África em sua essência, além de trabalhar com seus mais diversos segmentos culturais e étnicos.
3. Por essa lei, o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira torna-se obrigatório. Ela visa proporcionar maior conhecimento da História da África e sua relação com o Brasil. Portanto, auxilia a mudar a visão estereotipada do continente.

p. 344 – Diversificando linguagens

1. Grande parte deles provinha de grupos sociais que, durante o Período Colonial, tiveram oportunidade de estudar nas metrópoles ou nos Estados Unidos e tinham visões políticas que confluíam tanto com os interesses da burguesia nacional quanto com os interesses externos. Isso os levou ao distanciamento das reais aspirações das sociedades nativas. Grande parte das nomeações seguia critérios étnicos e não de competência e adequação, o que criava conflitos e disputas, agravando as dificuldades.
2. Diante de tantos conflitos e problemas, as Forças Armadas passaram a constituir um instrumento de grupos alternativos. O exército, assim, assumia o papel de fiador da integridade da nação.
3. Os novos governantes também se mostraram voltados para o atendimento dos interesses das elites instruídas e socialmente ascendentes, bem como das chamadas burguesias nacionais e dos investidores estrangeiros.

p. 346 – Diversificando linguagens

1. A seca causou grande crise na produção de alimentos. Com a diminuição da produção, houve aumento descontrolado dos preços, o que limitou o acesso da população aos alimentos. Como consequência indireta, houve aumento do fluxo de refugiados, que buscavam condições de sobrevivência; aumento da taxa de desistência escolar e de doenças entre os seres humanos e animais.

p. 349 – Diversificando linguagens

1. Não. As máscaras têm uma função quase sagrada, pois eles as veem como intermediárias entre o mundo dos vivos e dos mortos.
2. Mostra a produção da escultura de uma forma ritual e o respeito do escultor pela árvore que lhe dá a madeira para sua

máscara. Isso denota uma conexão direta entre as tradições e os processos culturais com a natureza.

CAPÍTULO 19 – RUMOS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Destacam-se a sucessão presidencial de 2003 e a eleição de Dilma Rousseff, a primeira mulher a ser eleita presidente da República no Brasil. Os programas sociais, a política econômica, as acusações de corrupção e o segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva foram abordados detalhadamente. Sobre Dilma, o texto relata sua trajetória na vida pública e as diretrizes de seu governo.

Apesar de todo o crescimento econômico e desenvolvimento institucional do país, a desigualdade social ainda é um problema a ser enfrentado. Educação, saúde, infraestrutura e questões ambientais também estão na ordem do dia, assim como o aumento da produtividade e da competitividade do Brasil em relação a outras nações.

O Brasil tem demonstrado bom desempenho nos indicadores econômicos, em razão do crescimento verificado ao longo da última década. No que se refere ao social, porém, muitas áreas precisam avançar para que o país possa ser incluído no rol de países desenvolvidos, nos quais grande parte da população tem assegurados direitos fundamentais, como educação de qualidade, saneamento básico, segurança pública, entre outros.

Para que os alunos percebam melhor a realidade em que vivem, você pode convidá-los a observar com mais atenção o entorno da escola. Peça que, ao se dirigirem para a escola, observem, ao longo de todo o trajeto, as condições das moradias, das vias públicas, a disponibilidade de meios de transporte, a presença de policiamento policial, se há outras escolas, centros de saúde etc. Converse com os alunos e colha o depoimento deles, ajudando-os a ampliar a percepção da própria realidade. Você pode elaborar uma lista na lousa com os principais problemas observados. Em seguida, apoie-os na elaboração de um documento que contenha

essas observações, para que seja enviado às autoridades locais, podendo ser uma subprefeitura ou mesmo a prefeitura, de modo que o órgão tome conhecimento dos problemas e procure as respectivas soluções. Dessa forma, os alunos estarão exercitando a cidadania.

Resoluções das atividades

p. 354 – Documentos em análise

1. A charge mostra uma família que vive na pobreza e espera que o programa anunciado se concretize.
2. O título remete à máxima do *marketing* “a propaganda é a alma do negócio”. Ou seja, você vende um produto ou uma ideia pela propaganda, mesmo que não seja o melhor ou o mais eficiente.
3. Sim, pois a família viu somente o anúncio do programa e na realidade não foi beneficiada.

p. 355 – Diversificando linguagens

1. A dificuldade maior está nas constantes mudanças que podem ocorrer.

2. Significa que cada um avalia de modo pessoal, individual, com base em seus conhecimentos e princípios.

p. 357 – Diversificando linguagens

1. Um Brasil com igualdade de direitos e oportunidades, sem discriminação.
2. Resposta pessoal. Espera-se que o aluno responda que ainda há muitos desafios a serem vencidos para que esse Brasil se efetive.
3. Resposta pessoal. Professor, nessa resposta é importante conversar com os alunos sobre o papel de cidadão, que consiste em lutar por seus direitos e cumprir seus deveres.

p. 366 e 367 – Bagagem cultural

Carros no Brasil

Essa seção em forma de infográfico utiliza o exemplo dos automóveis para mostrar a evolução geral das tecnologias ao longo do século XX. O objetivo geral da seção é deixar claro para os alunos que o avanço tecnológico iniciado em meados do século XX promoveu uma rápida e grande transformação em nosso cotidiano e nos elementos que fazem parte dele.

5. Avaliação

O propósito de todo o procedimento de avaliação do aproveitamento efetivo dos alunos no processo ensino-aprendizagem consiste em emitir um juízo de valor que qualifique e reflita as situações de aprendizagem e as práticas didáticas e pedagógicas em sala de aula, para compreendê-las. Isso é feito seja em vista dos objetivos e conteúdos de ensino, das expectativas de aprendizagem dos professores e das equipes pedagógicas das escolas, seja em vista dos resultados e consequências do esforço pedagógico.

Entretanto, a avaliação não pode se limitar a uma situação de teste ou controle externo, impessoal, burocratizado e estéril. Nem pode ser pensada como uma instância formal de recompensa ou punição pelo desempenho dos alunos em determinado ciclo escolar.

Por essa razão, os professores não devem limitar o procedimento avaliativo às tradicionais provas de final de período escolar nem desconectá-lo de todo o processo ensino-aprendizagem desenvolvido. A avaliação deve traduzir e concretizar um conjunto sistêmico de atuações com a finalidade de nutrir, sustentar e direcionar as práticas de intervenção pedagógica. Portanto, ela deve ser um processo ininterrupto ao longo de todo o período letivo, para que o professor consiga, por meio dele, interpretar qualitativamente a efetiva aprendizagem dos alunos, objetivo fundamental da prática de ensino. Da mesma forma, qualquer método de avaliação adotado em determinado projeto político-pedagógico nas escolas deve considerar as reais condições materiais de aprendizagem e as oportunidades disponibiliza-

das aos alunos no contexto escolar. De outra maneira, não seria possível verificar a efetiva adequação da proposta pedagógica da escola e das situações didáticas elaboradas pelo professor em sala de aula aos objetivos do ensino e à valorização dos conhecimentos prévios dos educandos.

Ademais, do ponto de vista do próprio aluno, avaliado em sua progressão escolar e cognitiva, o procedimento deve sinalizar quais são suas reais conquistas, dificuldades, aspectos a aperfeiçoar ou corrigir, para que o aluno repense seu comprometimento pessoal com o processo ensino-aprendizagem. Simultaneamente, o professor e a equipe pedagógica devem se valer dos mecanismos de avaliação como indicativos para redefinir, a cada momento do processo, as prioridades e os aspectos que demandam mais ênfase e apoio em termos de ação educativa.

Especificamente para a área de História, é necessário pensar e conceber formas de avaliação que, de alguma maneira, possam estimular os alunos a buscar conhecimento e análise histórica, não com o intuito de formar historiadores, e sim como modo de habilitá-los a decodificar e interpretar o mundo desconstituindo e analisando seus modos de representação ideológica. Para isso, é possível propor, por exemplo, a elaboração de textos dissertativos com base na interpretação de ilustrações, gravuras, pinturas, letras de canções e outras formas documentais que representem lugares da memória.

A seguir, elaboramos para você a seção **Sugestão de avaliação**, que pode ser utilizada no 1º bimestre. Quanto aos bimestres seguintes, as sugestões de avaliação estarão disponíveis para *download* no **Portal Projeto Apoema**.

Avaliação - História

NOME: _____ TURMA: _____

ESCOLA: _____

PROFESSOR: _____ DATA: _____

1. Leia as sentenças e escreva **V** para verdadeiro e **F** para falso.
 - a) () Existiam fraudes eleitorais durante os primeiros anos de república no Brasil.
 - b) () Voto de cabresto era o voto aberto e facultativo. Os eleitores podiam votar no candidato de sua livre escolha.
 - c) () As expressões "coronelismo" e "curral eleitoral" referem-se à política da Primeira República, respectivamente aos políticos ou mandatários locais e suas áreas de influência.
 - d) () A política dos governadores era um sistema baseado na troca de favores entre governadores, coronéis e governo federal.
2. Getúlio Vargas assumiu o governo do Brasil pela primeira vez em 1930. Cite as características de sua administração nesse período.

3. Qual era o lema da campanha de Juscelino Kubitschek para a Presidência da República? E qual foi o tipo de política adotada por ele após assumir o cargo de presidente?

4. Que medidas econômicas foram adotadas durante o governo de José Sarney para conter a inflação que assolava o Brasil na década de 1980?

5. Explique o que foi o Plano Real e quais seus objetivos.

6. No fim de 2010 e durante todo o ano de 2011 ocorreram protestos em diversos países árabes que ficaram conhecidos como Primavera Árabe. O que motivou o início dessas manifestações?

7. Numere a lista de acontecimentos que antecederam a Primeira Guerra Mundial de acordo com a ordem cronológica em que ocorreram.

- a) () A Áustria anexou a Bósnia-Herzegovina.
- b) () A unificação da Itália e da Alemanha desequilibrou a corrida imperialista.
- c) () Atentado de Sarajevo.
- d) () Período denominado de Paz Armada, em que havia bastante tensão entre as grandes potências europeias.
- e) () Nações balcânicas se uniram contra a Turquia.
- f) () Crise marroquina, quando França e Alemanha quase entraram em conflito armado.

8. Relacione as duas colunas.

- | | |
|--|-------------------------------|
| a) Sua ocupação ocorreu com a imigração de africanos de outras regiões e de asiáticos. | • () África do Norte |
| b) É a região mais industrializada do continente. | • () África Ocidental |
| c) Foi nesta região que se iniciou o tráfico de escravos para a América. | • () África Central |
| d) Sofre com a guerra da água, pois é uma região extremamente seca. | • () África Oriental |
| e) Está no topo das regiões africanas com relação a índices econômicos. | • () África Austral |
| f) É região rica em petróleo, urânio e diamantes. | • () África Indo-Oceânica |

Gabarito

1. a) V
b) F
c) V
d) V
2. Assim que tomou posse, Getúlio aboliu a Constituição de 1891 e dissolveu o Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas e as Câmaras Municipais. Para os estados foram nomeados interventores federais, mantendo-se no cargo apenas o governante de Minas Gerais, Olegário Maciel, aliado político de Vargas.
3. O lema era: "50 anos de progresso em cinco anos de governo". Juscelino adotou uma política desenvolvimentista, promovendo grandes obras de infraestrutura e incentivando a iniciativa privada com o objetivo de acelerar a expansão industrial. Para isso, utilizou a contração de grandes empréstimos no exterior e permitiu a entrada, em larga escala, do capital estrangeiro e, conseqüentemente, da fixação de transnacionais em território brasileiro.
4. Reforma monetária, congelamento de salários com reajuste automático, caso a inflação atingisse 20% (gatilho salarial), fim da correção monetária, congelamento de aluguéis e hipotecas por um ano e estabelecimento do seguro-desemprego.
5. Foi um pacote econômico que tinha como objetivo a estabilização econômica do Brasil por meio de mudanças como corte de gastos, privatização de empresas estatais e implantação de uma nova moeda, o real, com valor equiparado ao do dólar, entre outras medidas.
6. As razões para os protestos diferiam de país para país, mas a luta por liberdade pontuou todas as manifestações. A crise econômica e social impulsionou manifestações no Egito e na Tunísia; na Líbia houve disputas étnicas; e em outros países, como Bahrein, os conflitos religiosos motivaram os levantes.
7. a) 4
b) 1
c) 6
d) 2
e) 5
f) 3
8. a) África Indo-Oceânica.
b) África Austral
c) África Ocidental
d) África Oriental
e) África do Norte
f) África Central

6. Referências bibliográficas

- AJAYI, J. F. A. de (Ed.). *História geral da África: África do século XIX à década de 1880*. Brasília: Unesco, 2010. v. 6.
- ALGAYER, Eni. *Escravidão, negros & índios: realidade, história e mitos*. Porto Alegre: Rígel, 2005.
- ALMEIDA, Cícero Antônio F. *Canudos: imagens da guerra*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2003.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- ALVES, Julia Falivene. *A invasão cultural norte-americana*. São Paulo: Moderna, 2004.
- ALVES, Vagner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002.
- ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara: uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- ANDRADE, Everaldo de Oliveira. *A Revolução Boliviana*. São Paulo: Unesp, 2007.
- APPLEBAUM, Anne. *Gulag: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- ARBEX JÚNIOR, José. *Guerra Fria: o Estado terrorista*. São Paulo: Moderna, 2005.
- _____. *Revolução em três tempos: URSS, Alemanha, China*. São Paulo: Moderna, 1993.
- ARNAUT, Luiz. *A Segunda Guerra Mundial: do nazifascismo à Guerra Fria*. São Paulo: Atual, 2006.
- ARNT, Ricardo. *Jânio Quadros: o prometeu de Vila Maria*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- AYERBE, Luís Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Unesp, 2004.
- _____. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Unesp, 2002.
- _____. *Neoliberalismo e política externa na América*. São Paulo: Unesp, 2005.
- _____. *Ordem, poder e conflito no século XXI*. São Paulo: Unesp, 2006.
- AZANHA, Gilberto; VALADÃO, Virginia Marcos. *Senhores destas terras: os povos indígenas da Colônia aos nossos dias*. São Paulo: Atual, 1991.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O governo João Goulart: as lutas sociais*. Rio de Janeiro: Revan, 2001.
- BARRET-DUCROCQ, Françoise. *Globalização para quem?* Trad. Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: Futura, 2004.
- BARROS, Edgard Luiz de. *A Guerra Fria: a aliança entre russos e americanos; as origens da Guerra Fria; a destruição atômica é irreversível?* São Paulo: Atual; Campinas: Unicamp, 1999. (Discutindo a História)
- BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. *A África está em nós: história e cultura afro-brasileira*. João Pessoa: Grafset, 2004.
- BERTONHA, João Fábio. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Saraiva, 2005.
- _____. *Fascismo, nazismo, integralismo*. São Paulo: Ática, 2000.

- BESSEL, Richard. *Alemanha, 1945: da guerra à paz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BETHEL, Leslie (Org.). *História da América Latina*. São Paulo: Edusp, 2005. v. 6.
- BISHOP, Chris; MCNAB, Chris. *Segunda Guerra Mundial: campanha dia a dia*. São Paulo: Escala, 2009.
- BLIX, Hans. *Desarmando o Iraque*. São Paulo: Girafa, 2004.
- BOAHEN, Albert Adu (Ed.). *História geral da África: África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasília: Unesco, 2010. v. VII.
- BOBBIO, Norberto. *Do fascismo à democracia*. Rio de Janeiro: Campus, 2007.
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BOTTMANN, Denise Guimarães. *Padrões explicativos da historiografia brasileira*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- BURKE, Jason. *Al-Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CANÊDO, Letícia Bicalho. *A descolonização da Ásia e da África*. São Paulo: Atual, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- _____. VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: ensaios da teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARIÈRE, Jean-Claude. *Índia: um olhar amoroso*. São Paulo: Ediouro, 2009.
- CARMO, Sônia Irene Silva do; CARMO, Valdemar Pinto de. *A Rússia dos soviets: impasses de um projeto socialista*. São Paulo: Atual, 1996.
- CARNEIRO, Edison. *Antologia do negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- CARNEIRO, Ricardo et al. *A supremacia do mercado e a política econômica do governo Lula*. São Paulo: Unesp, 2006.
- CARONE, Edgard. *A Primeira República (1889-1930) – Texto e contexto*. São Paulo: Difel, 1973.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CASALECCHI, José Ênio. *Proclamação da República*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CASSERON, Serge. *Alemanha: da divisão à reunificação*. São Paulo: Ática, 1995.
- CASTRO, Celso. *A Proclamação da República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- _____. *Militares e política na Nova República*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior no Brasil*. São Paulo: Ática, 1992.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Unicamp, 2001.
- COHN-SHEKBOK, Dan; EL-ALAMI, Dawmond. *O conflito Israel-Palestina*. São Paulo: Palíndromo, 2005.
- COLL, César. *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Porto Alegre: ArtMed, 1994.
- COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. *A descoberta da África*. Lisboa: Edições 70, 2003.

- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Abril Cultural, 2003.
- CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal da Cultura; Fapesp, 1992.
- D'ARAÚJO, Maria Celina. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- DECCA, Edgard de. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo: brasiliense, 2004.
- DEL PRIORE, Mary. *A história da mulher no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- DEMO, Pedro. *Desafios modernos da educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- DEUTSCHER, Isaac. *Stalin: uma biografia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____. *Trotski: o profeta armado – 1879-1921*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____. *Trotski: o profeta banido – 1929-1940*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____. *Trotski: o profeta desarmado – 1921-1929*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- DICK, Geary. *Hitler e o nazismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- DOMINGUES, José Maurício. *América Latina e a modernidade contemporânea*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- DÓRIA, Francisco Antônio. *No tempo de Vargas: memórias, reflexões e documentos*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- EL FASI, Mohammed (Ed.). *História geral da África: África do século VII ao XI*. Brasília: Unesco, 2010. v. III.
- ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano de amor no Rio de Janeiro da belle époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FAORO, Raimundo. *Os donos do poder*. Porto Alegre: Globo, 2001.
- FARIA, Antônio A. da Costa. *Getúlio Vargas e sua época*. São Paulo: Global, 2001.
- FAUSTO, Boris (Coord.). *História geral da civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. v. 9.
- _____. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. *Revolução de 1930*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. São Paulo: Globo, 2006.
- FERRAZ, Francisco César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O tempo do liberalismo excluyente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *A política na República Velha*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- FERRO, Marc. *A Revolução Russa de 1917*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FIABANI, Adelmir. *Mata, palhoça e pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004)*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

- FIGES, Orlando. *A tragédia de um povo: a Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. *As melhores histórias da mitologia africana*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2008.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Getúlio Vargas e outros ensaios*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. *O Contestado: o sonho do milênio igualitário*. Campinas: Unicamp, 2005.
- GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- GASPARI, Elio. *A Ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GITAHY, Maria Lucia C. *Ventos do mar: trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana em Santos (1889-1914)*. São Paulo: Unesp, 1992.
- GOERTZEL, Ted G. *Fernando Henrique Cardoso e a reconstrução da democracia no Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2002.
- GOMES, Flavio dos Santos. *Histórias de quilombolas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GOUCHER, Candice; WALTION, Linda. *História mundial: jornadas do passado ao presente*. Porto Alegre: Penso, 2011.
- GRANATO, Fernando. *O negro da Chibata*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. *Índios no Brasil*. São Paulo: Global, 2006.
- _____. *Povos indígenas e tolerância*. São Paulo: Edusp, 2002.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HAYMARD, James. *Mitos e lendas da Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Esfera dos livros, 2007.
- HENIG, Ruth. *As origens da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Ática, 1991.
- HENRIQUES, Ricardo. *Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação*. Brasília: Unesco, 2002.
- HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula*. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- HOBBSBAWM, Eric J. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- IBAZEBO, Isimeme. *Explorando a África*. São Paulo: Ática, 1997.
- JANOTTI, Maria de Lourdes M. *O coronelismo: uma política de compromisso*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- JORDAN, David; WIEST, Andrew. *Atlas da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.
- KAMDAR, Mira. *Planeta Índia*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KERSHAW, Ian. *Hitler: um perfil do poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- KERTZER, David. *O vaticano e os judeus: os papas e a ascensão do antissemitismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

- KFOURI, Assef. *O caso Rosenberg*: 50 anos depois. São Paulo: Códex, 2004.
- KI ZERBO, Joseph (Ed.). *História geral da África*: metodologia e pré-história da África. Brasília: Unesco, 2010. v. I.
- KITCHEN, Martin. *Um mundo em chamas*: a breve história da Segunda Guerra Mundial na Europa e na Ásia (1939-1945). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- KNIGHT, Nigel. *Churchill desmascarado*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- LACERDA, Antonio Correa de. *O impacto da globalização na economia brasileira*. São Paulo: Contexto, 1999.
- LANG, Jack; GOLDONI, Rúbia Prates. *Nelson Mandela: uma lição de vida*. São Paulo: Mundo Editorial, 2008.
- LIMA, Maria Regina Soares de; HIRST, Mônica. *Brasil, Índia e África do Sul*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História Geral do Brasil*. 9. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- LOPES, Nei. *Dicionário escolar afro-brasileiro*. São Paulo: Selo Negro, 2006.
- LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil contemporâneo*. Porto alegre: Mercado Aberto, 2000.
- LOREÚZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres da (Org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Unesp, 1997.
- LOWE, Norman. *História do mundo contemporâneo*. Porto Alegre: Penso, 2011.
- LUCA, Tânia de. *Indústria e trabalho na História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.
- LÚKACS, John. *O duelo*: Churchill X Hitler – 80 dias cruciais para a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- M'BOKOLO, Elikia. *África negra*: história e civilizações. Salvador: Edufba; São Paulo: Casas da África, 2011. v.2.
- MACEDO, José Rivair (Org.). *Desvendando a História da África*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- MACEDO, Nei Felix de. *Últimos combates na Coluna Prestes*. Campinas: Fontes, 2005.
- MAGNOLI, Demétrio (Org.). *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. *O mundo contemporâneo*. São Paulo: Atual, 2008.
- _____. *Relações internacionais*. São Paulo: Sarai-va, 2004.
- MARABANI, Jean. *Berlim no tempo de Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. (A Vida Cotidiana)
- MARANHÃO, Ricardo. *O governo Juscelino Kubitschek*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MARTI, Michael E. *A China de Deng Xiaoping*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- MASSOULIÉ, François. *Os conflitos no Oriente Médio*. São Paulo: Ática, 1995.
- MATTHEWS, Owen; ALTMAN, Max. *A herança de Stalin*. São Paulo: Globo, 2009.
- MATTOS, Regiane Augusto de. *História e cultura afro-brasileira*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (Ed.). *História geral da África*: África desde 1935. Brasília: Unesco, 2010. v. VIII.
- MEDVEDEV, Zhores; MEDVEDEV, Roy. *Um Stalin desconhecido*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

- MEIRELLES, Domingos. *As noites das grandes fogueiras: uma história da Coluna Prestes*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- MELO, Elisabete; BRAGA, Luciano. *História da África e afro-brasileira: em busca de nossas origens*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- MENDONÇA, Marina Gusmão de. *Histórias da África*. São Paulo: LCTE, 2008.
- MENEZES, Solival. *Mamma Angola*. São Paulo: Edusp, 2001.
- MINERBI, Alessandra. *História ilustrada do nazismo*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- MOCELLIN, Renato. *Coluna Prestes: a grande marcha*. São Paulo: Editora do Brasil, 1989.
- MOKHTAR, Gamal (Ed.). *História geral da África: África Antiga*. Brasília: Unesco, 2010. v. 2.
- MONTEFIORE, Simon Sebag. *Stálin: a corte do czar vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o Golpe de 64 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- MUNANGA, Kabengele. *Origens africanas do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Global, 2009.
- NIVEAU, Maurice. *História dos fatos econômicos contemporâneos*. São Paulo: Difel, 1969.
- OGOT, Bethwell Allan (Ed.). *História geral da África: África do século XVI ao XVIII*. Brasília: Unesco, 2010.
- OLIC, Nelson Bacic; CANEPA, Beatriz. *África, terra e sociedade*. São Paulo: Moderna, 2004.
- OLIVEIRA, Dennison de. *Os soldados brasileiros de Hitler*. Curitiba: Juruá, 2008.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- OLIVER, Roland. *A experiência africana: da Pré-História aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- OVERY, Richard. *1939: contagem regressiva para a guerra*. São Paulo: Record, 2009.
- PAES, Maria Helena Simões. *A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política*. São Paulo: Ática, 1997.
- PAIVA, Eduardo França; ANASTASIA, Carla Maria Junho (Org.). *O trabalho mestiço: maneira de pensar e forma de viver*. São Paulo: Annablume, 2002.
- PANIKHAR, K. M. *A dominação ocidental na Ásia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- PAOLO, Pasquale di. *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia*. Belém: Cejup, 1990.
- PARIS, Robert. *As origens do fascismo*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- PARKER, R. C. A. *História da Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- PEDRO, Antonio. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Atual, 2004.
- PEIXOTO, Fernando. *Hollywood*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. *Prisioneiros da guerra: "os súditos do eixo" nos campos de concentração brasileiros (1942-1945)*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.
- PEREGALLI, Enrique. *Como o Brasil ficou assim?* São Paulo: Global, 1997.
- PEREIRA, Amílcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria (Org.). *Ensino de história e cultura afrobrasileiras e indígenas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- PLESHAKOV, Constantine. *A loucura de Stalin – Os trágicos dez dias iniciais da Segunda Guerra Mundial no front oriental*. São Paulo: Difel, 2008.

- POMAR, Wladimir. *A Revolução Chinesa*. São Paulo: Unesp, 2003.
- PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil: a saga do Araguaia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2002.
- _____. MINDLIN, Betty. *A questão do índio*. São Paulo: Ática, 2004.
- PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. *Uma epopeia brasileira: a Coluna Prestes*. São Paulo: Moderna, 1995.
- QUAGIO, Ivan. *Olhos abertos: a história da Nova China – da morte de Mao à crise econômica*. Brasília: Verbena, 2009.
- QUÉTEL, Claude. *As mulheres na guerra: 1939-1945*. São Paulo: Larousse, 2009.
- RAY, John. *História narrativa da Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- REBOUÇAS, Marilda de Vasconcellos. *Surrealismo*. São Paulo: Ática, 1986.
- REES, Laurence. *Stálin, os nazistas e o Ocidente: a Segunda Guerra Mundial entre quatro paredes*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- REIS FILHO, Daniel A.; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *O século XX – o tempo das crises: revoluções, fascismo e guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- RETONDAR, Anderson Moebus. *Sociedade do consumo, modernidade e globalização*. São Paulo: Annablume, 2008.
- REZENDE, Neide. *A Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Ática, 2007.
- RIBEIRO, Berta. *O índio na História do Brasil*. São Paulo: Global, 2009.
- RICHARD, Lionel. *A República de Weimar (1919-1933)*. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1988.
- RODEGHERO, Carla Simone. *Capítulos da Guerra Fria: o anticomunismo brasileiro sob olhar norte-americano*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- RODRIGUES, Marly. *A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. *O Brasil na década de 1970: a fábrica e a rua, dois palcos de luta*. São Paulo: Ática, 1997.
- ROSENBAUM, Ron. *Para entender Hitler: a busca das origens do mal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- RUAS, Tabajara; BONES, Elmar. *A cabeça de Gumerindo Saraiva*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- SALINAS, Samuel Sérgio. *Antes da tormenta: origens da Segunda Guerra Mundial (1918-1939)*. Campinas: Unicamp, 2000.
- SALLUM Jr., Brasília. *Labirintos: dos generais à Nova República*. São Paulo: Hucitec, 2003.
- SALVADÓ, Francisco J. Romero. *A Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- SANDRONI, Paulo. *O que é recessão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANTOS, Gevanilda; SILVA, Maria Palmira da (Org.). *Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito no século XXI*. São Paulo: Editora Fundação, 2006.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é racismo?* São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SARAIVA, José Flávio Sombra. *Formação da África Contemporânea*. São Paulo: Atual, 1987.

- SASSOON, Donald. *Mussolini e a ascensão do fascismo*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- SCHAPATOFF, George. *KGB: história secreta*. Curitiba: Juruá, 2009.
- SCHIMIDTT, Rogério. *Sistemas partidários: 1945-2000*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- SCHIRER, William L. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. 2 v.
- SCHVARZMAN, Scheila. *O modo americano de viver*. São Paulo: Atual, 2004.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; COSTA, Angela Marques da. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SCHWARTZ, Gilson. *John M. Keynes: um conservador autocrítico*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SEBESTYEN, Victor. *A Revolução de 1989: a queda do Império Soviético*. São Paulo: Globo, 2009.
- SÊGA, Rafael Augusto. *Tempos belicosos: a Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Alberto da Costa e. *A África explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- _____. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- _____. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; UFRJ, 2003.
- SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- SLEMIAN, Andrea; PIMENTA, João Paulo G. *O nascimento político do Brasil: as origens do Estado e da nação (1808-1925)*. São Paulo: DP&A, 2004.
- SOARES, Cecília C. Moreira. *Mulher negra na Bahia do século XIX*. Salvador: Eduneb, 2006.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da burguesia brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- SOUZA, Marina de Mello. *África e Brasil africano*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- STACKELBERG, Roderick. *A Alemanha de Hitler: origens, interpretações, legados*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- SUTTI, Paulo; RICARDO, Sílvia. *As diversas faces do terrorismo*. São Paulo: Harbra, 2003.
- TARIK, Ali. *Confronto de fundamentalismos*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- THIBAUT, Pierre. *O período das ditaduras - (1918-1947)*. Lisboa: Dom Quixote, 1982.
- THORNTON, John. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico: 1400-1800*. Rio de Janeiro: Campus, 2004.
- TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- TOYNBEE, Arnold; BRYCE, Lorde James. *Atrocidades turcas na Armênia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- TREIGNIER, Michel. *Guerra e paz no Oriente Médio*. São Paulo: Ática, 1994.
- TRENTO, Ângelo. *Fascismo italiano*. São Paulo: Ática, 1993.
- TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974.

- TRONCA, Ítalo. *A Revolução de 1930: a dominação oculta*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- TUCHMAN, Bárbara. *Canhões de agosto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.
- TZU, Sun. *A arte da guerra: os treze capítulos originais*. São Paulo: Jardim dos livros, 2006.
- VANNUCHI, Marco Aurélio; SWENSSON Jr., W. C. *Contra os inimigos da ordem: repressão política do Regime Militar (1964-1985)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- VARGAS, Getúlio. *Diário*. São Paulo: Siciliano; FGV, 1995.
- VELLOSO, João Paulo dos Reis. *Desafio da China e da Índia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- VERGARA, Luiz. *Getúlio Vargas passo a passo: 1928 a 1945*. São Paulo: Age, 2000.
- VILAR, Pierre. *Iniciação ao vocabulário da análise histórica*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1985.
- WAACK, William. *Camaradas: nos arquivos de Moscou*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- WEATHERFORD, Jack. *A história do dinheiro*. Rio de Janeiro: Campus, 2005.
- WEFFORT, Francisco Correia. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- WEHLING, Arno. *A invenção da História: estudos sobre o historicismo*. Rio de Janeiro: UGF; Niterói: UFF, 1994.
- WEYER, Robert Van de. *O Islã e o Ocidente: uma nova ordem política e religiosa pós 11 de setembro*. São Paulo: Loyola, 2003.
- WHEATCROFT, Andrew. *Infiéis: o conflito entre a cristandade e o Islã*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, René. *História de Angola*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2009.
- WHITROW, Gerald. *O tempo na História: concepções do tempo da Pré-História aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- WOLFF, Phillipe. *O outono da Idade Média ou primavera dos tempos modernos?* São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- XINRAN, Xue. *Testemunhas da China: vozes de uma geração silenciosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ZÊNUN, Katsue Hamada; ADISI, Valéria Maria Alves. *Ser índio hoje*. São Paulo: Loyola, 1998.
- ZUMTHOR, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.